

Gerson Dudus

UMA POÉTICA DA COMUNICAÇÃO: Michel Serres e seus Personagens Conceituais

Um volume

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura

Orientador: Mohammed El Hajji

Rio de Janeiro
2004

S237 Dudus, Gerson.
Por uma Poética da Comunicação / Gerson Dudus. Rio de Janeiro,
2004.
xi, 90 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação,
2004.

Orientador: Mohammed ElHajji

1. Epistemologia .2. Novas Tecnologias
3. Movimentos Sociais.
ElHajji, Mohammed (Orient.). II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de
Comunicação Pós Graduação. III. Título.

CDD: 658.4

Gerson Dudus

UMA POÉTICA DA COMUNICAÇÃO:
Michel Serres e seus Personagens Conceituais

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2004

Mohammed El Hajji Prof. Dr. UFRJ

Henrique Antoun Prof. Dr. UFRJ

Vitor Iório Prof. Dr. UFJF

RESUMO

DUDUS, Gerson. Por uma poética da comunicação – Michel Serres e os personagens conceituais. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004

Os personagens conceituais de Michel Serres aqui analisados – Hermes, o parasita e os anjos –, compõem uma Poética da Comunicação: uma filosofia da comunicação – outra maneira de pensar através da complexidade, e uma nova práxis da comunicação - na apropriação das novas tecnologias da comunicação em certos movimentos sociais contemporâneos. Serres traz a comunicação para o cerne da questão do conhecimento, mostrando a crise de paradigmas, a persistência do mito e a proposta do Hermes – transporte, mediação, metáfora. Então, trata de trabalhar com o Parasita em sua acepção social, biológica e informacional – a questão do mal no mundo contemporâneo. Depois, Hermes se torna miríade com os novos anjos, mensageiros e mensagens se apropriando das neotecnologias da comunicação e as usando para democratizar o conhecimento e a informação, no que pode produzir uma sociedade pedagógica de coletivos inteligentes.

ABSTRACT

DUDUS, Gerson. Por uma poética da comunicação – Michel Serres e os personagens conceituais. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004

Michel Serres conceptual personae analysed in this work – Hermes, the Parasite and the Angels -, make a Poetics of Communication which is both a communication philosophy – another way of thinking through complexity, and a new praxis – on the way certain contemporary social movements appropriate the new technologies of communication. Serres brings communication to the center of knowledge question. Showing the paradigm crisis, the persistency of myth and the Hermes proposal – transport, mediation, metaphor. Then, he works with the Parasite, in his social, biological and informational sense – with the question of evil in contemporary world. Finally, Hermes becomes miryad and multitude, with the new angels – messages and messengers appropriating new technologies of communication and using it to make knowledge and information, in what can produce a pedagogical society of intelligent collectives.

DEDICATÓRIA

para minha esposa Marta
para meus filhos Michel Mateus Alice e Simone
para meus pais Lela e Mihail
para meus alunos da FAFIC e da FSMA

AGRADECIMENTOS

Valter Rodrigues,
pelo amor à teoria
Wainer Teixeira,
pela objetividade
Orávio de Campos Soares,
pela força
Mohammed ElHajji,
pela confiança
Carlos José e Margareth Silva,
pela generosidade
Rio das Ostras Hostel,
pelo silêncio

"Qui suis-je alors? Un noeud d'émission et de réception, un échangeur ouvert, muni de la pure possibilité de court-circuit, qui absorbe et redistribue, par éclats et occultations, la tonalité continue, chargée de sens, chargée de bruit, du nous universel qui pense(...)Je suis l'intercepteur du nous. La con-science est le savoir qui a pour sujet la communauté du nous. La communication crée l'homme; il peut la réduire, non la supprimer sans se supprimer lui-même."

Michel Serres - Hermes III L'Interférence

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
1 MICHEL SERRES E A POÉTICA DA COMUNICAÇÃO	13
1.1 O PENSAMENTO DE MICHEL SERRES	13
1.2 A POÉTICA DA COMUNICAÇÃO	28
2 CONHECIMENTO HERMÉTICO	40
2.1 UMA FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO	40
2.2 HERMES COMO MÉTODO	47
3 TRATADO DE PARASITOLOGIA	57
3.1 O PARASITA NA MATRIX	57
3.2 A PRESENÇA DO MAL	67
4 ANUNCIAÇÃO	75
4.1 HERMES MÚLTIPLO	75
4.2 MIRÍADE E MULTIDÃO	86
5 FICÇÃO CIENTÍFICA REALIZADA	101
REFERÊNCIAS	108

Prefácio

Comunicação e incomunicabilidade: o silêncio



*“antes de existir computador existia a tevê
 antes de existir tevê existia luz elétrica
 antes de existir luz elétrica existia bicicleta
 antes de existir bicicleta existia enciclopédia
 antes de existir enciclopédia existia alfabeto
 antes de existir alfabeto existia a voz
 antes de existir a voz existia o silêncio
 o silêncio
 foi a primeira coisa que existiu
 o silêncio que ninguém ouviu”
 Arnaldo Antunes/O Silêncio*

Em 1995 produzi um livro-objeto, em tiragem artesanal de 50 exemplares, para uma exposição de artes plásticas em São Paulo que tratava justamente de livros de artista e livros-objeto. O conceito veio da necessidade de fazer falar o silêncio de dois meses em que eu não consegui realizar um único poema. Um silêncio incômodo, doloroso, angustiante. Derivou de um poema anterior, de 1989:

poética

a tarefa seria a de aperfeiçoar o silêncio

a tarefa do silêncio

O livro era composto de capa preta fosca, com o título em tinta preta brilhante. Em três páginas, a primeira, negra, com o primeiro verso em braille; a segunda, branca, com o segundo verso batido em máquina elétrica sem tinta, ficando em baixo relevo e praticamente ilegível; a terceira, um acetato transparente. Chamei-o **trobar ocluso**, de “trobar clus” dos trovadores, que significava ‘fazer poesia boa’. O livro é um poema

ocluso, fechado, hermético. Linguagem que não comunica de pronto, é preciso que se mergulhe em sua incomunicabilidade.

Às vezes, quando chego a casa depois das aulas, cansado, ligo a tv. Vou zapeando e não há nada de interessante naqueles 70 canais, comunicação que não comunica. Deixo então ficar no canal 3. O azul invade a sala escura, o silêncio preenche todo o espaço. E eu fico bem, com uma dose de alegria. Produzi aquilo de que Piter Pal Pelbart fala:

"estamos cercados por todos os lados de uma quantidade demente de palavras e imagens, e seria preciso formar(...)vacúolos de silêncio para que algo merecesse enfim ser dito(...)vacúolos de imagens(...)para que algo merecesse enfim ser visto"

Durante muitos meses fiquei travado, sem poder produzir este texto. Estava numa fase, talvez, de silêncio silenciado. Muitos foram os motivos para essa depleção de linguagem. Não vou citá-los. Mas também disso se vale a criação. É preciso transformar o silêncio do silenciado em silêncio silencioso: kenoma, o nada pleno, o vazio cheio – de potência, de intensidades. Um silêncio pra cima.

Depois disso, é preciso vir aqui e dizer algo a você. Algo que incite. Que mova emoção ou pensamento.

Aí está.

“Vou te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é a linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é um entre-sentir - nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos silêncio.”

Clarice Lispector – A paixão segundo GH

1. Michel Serres e a poética da comunicação

“Se quisesse escolher um símbolo votivo para saudar o novo milênio, escolheria este: o salto ágil e imprevisto do poeta-filósofo que sobreleva o peso do mundo, demonstrando que sua gravidade detém o segredo da leveza, enquanto aquela que muitos julgam ser a vitalidade dos tempos, estrepitante e agressiva, espezinhadora e estrondosa, pertence ao reino da morte, como um cemitério de automóveis enferrujados”¹

Este trabalho apresenta uma pesquisa em torno da obra de Michel Serres. Os objetivos que moveram a pesquisa são 1) dar a conhecer o pensamento de um autor contemporâneo importante e instigante, mas pouco conhecido; 2) descrever um *approche* da comunicação que se diferencia de outras, já tradicionais, ou mesmo as mais recentes, propondo um modelo em que a comunicação torna-se relacionamento entre saberes da ciência exata, humana, da arte, da filosofia. E relacionamento do coletivo humano; 3) demonstrar como a teoria pode ser ao mesmo tempo profunda, pertinente e bela, em sua construção lingüística e ser propositiva e prática em sua visão: a questão da poética; 4) trabalhar com o ético na comunicação, mostrando como uma poética da comunicação aumenta as possibilidades de produção singularizada de subjetividade e amplifica a potência comunicativa. Demonstrar, com a prática dos novos movimentos sociais e sua utilização das neotecnologias da informação e da comunicação, a aproximação do pensamento de Serres com o da biopolítica e da multidão – Negri, Virno, Berardi, Lazaratto.

Este primeiro capítulo localiza o pensamento de Michel Serres, enfocando sua obra, sua errância, suas propostas. Explica também os personagens conceituais, a relação de Serres com uma outra figura de tempo, que demonstra suas passagens conectando diversas áreas do conhecimento. E define ‘poética da comunicação’ para as questões levantadas no trabalho.

¹ Calvino, Ítalo Seis propostas para o próximo milênio pg 24

1.1 O Pensamento de Michel Serres

"Todas as nossas partições e todos os nossos recortes, nossas diferenças, cadeias, séries, seqüências, sistemas, ordens e formações, hierarquias e archés(...) existem para se dissolver, se fundir, se misturar, como conjuntos moventes, ao fogo anárquico. O real-nuvem está privado de arquê, este resíduo de idealismo, como se chamava antigamente a razão, e que é apenas o lugar central do dominador ou sua ordem."²

Michel Serres, filósofo francês contemporâneo tem dedicado seu trabalho ainda em curso a uma criação de conceitos inovadores no campo das ciências, no da filosofia e também no da comunicação. A necessidade de trazer Serres para discussão das questões contemporâneas e comunicacionais deriva de sua importância e do relevo internacional que começa a ganhar. No Brasil, pesquisas em torno da pedagogia, da arte e da ciência e suas interfaces é que tem sido vistas utilizando seu pensamento. Mas no campo da comunicação, nada ainda foi dito através de suas inventivas criações conceituais.

Michel Serres nasceu em 1930 em Agen , França. Em 1949, entra na Faculdade Naval e depois, em 1952, na Ecole Normale Supérieure. Em 1955, obteve agregação em Filosofia, e de 1956 a 1958 serviu como oficial da Marinha em vários navios. Sua vocação para as viagens, portanto, é mais do que apenas acadêmica. Em 1968, Serres obtém doutorado com tese na filosofia de Leibniz . Durante a década de 60 lecionou com Michel Foucault na Universidade de Clermont-Ferrand e Vincennes e depois foi apontado para a cadeira de História da Ciência na Sorbonne, onde ainda leciona. Serres tem sido professor pleno na Stanford University desde 1984, e foi eleito para a Academia Francesa em 1990.

Serres tem uma vasta obra, com cerca de 25 livros publicados. Seus textos passam por Leibniz, Julio Verne, Zola, Lucrécio, a fundação de Roma, os cinco sentidos. Pela maneira transversal que trabalha e cria seus conceitos, pela maneira que escreve, tem sido

² Serres, Michel Hermes pg. 124

acusado pelos críticos (ver Luzes pg 62) de fazer uma “obra poética” e não uma obra científica ou filosófica.

"Serres' passionate skepticism and rejection of the traditional french philosophy of Critique – the rational separation between nature and culture in the line of Descartes, Marx and Sartre(...) have been condemned both by postmodernists and traditional empiricists. Katherine Hayles says that Serres is confused and needs a logic lesson; Luc Ferry writes that Serres is a dangerous profet who might unite with other mistagogues, get power, and overturn the order of modernity; Jean Baudrillard, one of the fiercest critics, argues that Serres should be almost admired as a small morbid symptom of a doom to be welcomed(...) The reactions to Serres' work range 'from admiration for a maverick thinker to incredulity, and finally to outright rejection'(Assad, 1999, p.4)"³

Serres com seu trabalho vem contribuindo para uma reflexão filosófica da problemática da comunicação, e como diferencial, situa o conceito de comunicação no centro da reflexão filosófica: "(...)la communication est-elle le fait humain total et, bien entendu, n'a jamais cessé de l'être(...)L'ars producendi et l'ars inveniendi dépendent ensemble d'un *ars communicandi*, dont il est urgent qu'il constitue le noyau d'une philosophie"⁴

³ Zembylas, Michalinos Of Troubadours, Angels and Parasites

⁴ Serres, Michel Hermes II L'interférence pg. 128

O pensamento de Serres é transdisciplinar, como a própria comunicação. Serres é um pensador da deriva, que se firmou dentro das ciências ‘duras’ - a matemática, passou pela epistemologia, história das ciências e filosofia e trabalha nas conexões e hibridações entre cada área. Propõe uma abordagem em que ciências exatas, biológicas, humanas e arte possam se tocar e criar conhecimento de maior amplitude e profundidade: “Mestiçagem, eis o meu ideal de cultura. Branco e preto, ciências e letras, monoteísmo e politeísmo, sem ódio recíproco, em prol de uma pacificação que eu desejo e pratico.”⁵

Serres acredita que o conhecimento se constitui nas passagens dos lugares de conhecimento. E essa é uma crença também para mim. O nome que recebi vem do hebraico ‘gershom’ e significa ‘peregrino, errante’. Minha deriva acadêmica passa pelas ciências biológicas – medicina, pela teologia e pela comunicação, com uma inserção autodidata na literatura. Esse projeto liga minhas passagens de maneira inusitada: as comunicações entre corpo e espírito, entre os deuses e os homens, entre o bem e o mal, entre ciência, filosofia e poesia estão presentes o tempo todo na obra de Serres: "Esqueçamos um pouco que há ciências distintas, literatura, artes, etc. (...)o que procuro formar, compor, promover, não encontro a palavra certa – é uma síntese e não um sistema, um confluente móvel de fluxo.” (Luzes pg. 138,160)

Essa síntese a que Serres alude não vem da dialética, já que o autor não a considera válida e funcional – "a dialética recita uma lógica tão pobre que se pode tirar tudo dela. Basta obter contradição para ter sempre razão"(Luzes pg.201). É uma síntese que deriva das operações matemáticas, sua primeira formação. "Os filósofos adoram as mediações, os matemáticos de bom grado as eliminam, uma demonstração elegante salta os

⁵ Serres, Michel Luzes, pg. 40

intermediários(...)Um conjunto de relações altamente diferentes formam um corpo" (Luzes pg. 92,134)

Para aclarar onde está Serres, uso Lucien Sfez, no "Crítica da Comunicação", e sua constatação de que haveria tipos de abordagem da comunicação. Um é chamado de modelo representacional e compreende a divisão clássica entre sujeito e objeto. O outro (a expressão), com origem na especulação filosófica de Spinoza, seria de fundo holístico e com forte influência nos atuais desenvolvimentos científicos (teoria do caos, física quântica, cibernética). O modelo representacional foi absolutamente dominante até meados do século XX, enquanto o sistema expressivo da comunicação começa a crescer em importância há cerca de cinquenta anos. O pensamento de Serres está inserido neste segundo modelo.

Serres relata que passou por três grandes revoluções nos saberes: na matemática – do cálculo infinitesimal e da geometria às estruturas algébricas e à topologia; na física – de Newton à mecânica quântica e à teoria da informação principalmente "de onde saímos com um mundo totalmente novo"; então, a bioquímica contemporânea ensinada pelo amigo Jacques Monod, "de onde saímos com a vida mudada"(Luzes, pg. 21;22)

Estas três mudanças fizeram-no perceber que não era possível querer separar ou manter separadas as ciências, a filosofia, a literatura. Para Serres, é preciso entender o modo como se apresenta a comunicação, como se processa a informação, como a mensagem circula no sistema. Porque comunicação para ele não diz respeito apenas aos processos comunicacionais, ou aos meios de comunicação, mas é o modo pelo qual estamos no mundo contemporâneo:"O mundo no qual nos banhamos é um espaço-tempo de comunicação."(Luzes pg.156)

Este espaço-tempo pode também ser explicado de modo mais estranho e assustador, mas coerente com os conceitos de Serres, que utiliza a teoria do caos e a termodinâmica em muitos momentos para falar da constituição do mundo contemporâneo, através do Neuromagma, conceito do pensador italiano F. Berardi. Para ele,

a sociedade aparece como uma imensa solução fluida na qual se difundem, se diluem, se mesclam e se confundem substâncias psicoquímicas de cores diferentes. Crenças, tradições, ilusões, fês, ódios, desejos que provêm de vários estratos do inconsciente antropológico. Fluxos midiáticos que provêm de várias fontes do ciberespaço. Fluxos subculturais que provêm dos vários níveis do imaginário planetário. E longe de reduzir ou uniformizar o comportamento cultural, a integração planetária produziu uma multiplicação de refrações, esfumaçamentos, meios-tons que dependem dos diversos graus de contaminação. É verdade que a economia funciona como código semiótico transversal, capaz de comandar a gama infinita da diferenciação. Mas ela não unifica, não ajuda a encontrar um elemento universal humano no caleidoscópio das diferenças, ao contrário, inocula agressividade nas relações, rigidificações identitárias. (...) As decisões globais dependem cada vez menos da opinião e da vontade, e cada vez mais do devir cego e inevitável dos fluxos psicoquímicos (hábitos, medos, ilusões, fanatismos) que atravessam a mente social."⁶

A sociedade como um fluido turbulento. "Os fluidos, a maior parte dos seres vivos, as comunicações, as relações, nada disso tudo é duro. Frágil, disperso, fluido, prestes a desaparecer."(Luzes pg.160) Mas há mais. Não é possível ler Serres sem perceber suas propostas para uma ética individual e uma moral coletiva. Sua fala sobre a violência, sobre o princípio do mal, sobre nossa responsabilidade para com a Terra e os fracos:

"As questões não somente urgentes, como filosoficamente essenciais, daqui por diante são: que língua falam os mais miseráveis? Como os mais fracos se salvarão de uma morte certa? Como sobreviverão o terceiro e o quarto mundos, ambos em expansão vertical e que logo constituirão a quase totalidade do mundo? Como pensar a fragilidade das coisas e dos homens, ou seja, da Terra e da humanidade globais?"⁷

⁶ Pelbart, Peter Pál Neuromagma e Multidão

⁷ Serres, Michel op. cit. pg 244

Interessante notar que, apesar de dizer que Hiroshima ocupa o centro de sua obra, de falar sobre o que chama de Tanatocracia, ele não é um pensador catastrofista, apocalíptico ou soturno. A experiência das guerras não o deixaram mórbido.

"Pelo ofício de minha família eu estava destinado aos trabalhos manuais, quase servis, e por minha juventude, contemporânea de dez guerras, às emoções e aos pensamentos negativos. Ora, me vi, em ambos os casos, no lado oposto; sim, só amo os valores positivos, sinto uma felicidade inexprimível em exercer a profissão que escolhi, ensinar"⁸

Serres entende que é preciso constituir uma filosofia da comunicação para apreendermos conhecimento, que é criação, não reprodução. A ciência para Serres é uma maneira de circular entre os saberes para criar novas articulações, novos híbridos que dêem conta do momento contemporâneo. A partir dessa apreensão, pode-se produzir uma diferença qualitativa na prática social e política. Sim é um projeto educativo. Como ele mesmo diz, é preciso chegar à uma sociedade pedagógica.

"Já envelhecido, nosso mundo das comunicações está parindo, neste momento, uma sociedade pedagógica, a das nossas crianças(...)Depois da humanidade agrária vem o homem econômico, industrial; avança uma era, nova, do conhecimento. Comeremos saber e relações, mais e melhor do que vivemos a transformação do solo e das coisas, que continuará automaticamente."⁹

Dentre os títulos de sua obra, alguns cuidaram de criar conceitos operacionais que se relacionam com o campo da comunicação. Os conceitos encontrados no "Parasita", no "A Lenda dos Anjos" e nos cinco volumes do "Hermes" são os objetos em que esse estudo vai se deter. São três personagens conceituais fundamentais, que percorrem outras obras de Serres – Estátuas, Gênese, Hominescências: de Hermes, do parasita, dos anjos.

Curiosamente, muito antes de estas obras virem à luz, Serres, num sábado à tarde de 1967, 25 de novembro, apresenta um programa de pesquisa para a Sociedade Francesa de Filosofia, no Auditório Michelet, na Sorbonne. O título é "Le Messenger". Ali já se podiam

⁸ idem, pg 56

⁹ Serres, Michel A lenda dos anjos pg. 55

vislumbrar os desdobramentos que aconteceriam em sua obra. Ali já se anunciava a passagem. Neste texto, um rico programa de trabalho segundo Canguilhem, presente na sessão, estavam os principais pontos de uma filosofia da comunicação. A época estava mudando – de um mundo da produção e do industrialismo (o mundo de Vulcano e Prometeu) para um mundo das mensagens e dos mensageiros (o mundo de Hermes).

Neste outro mundo que estava se criando seria necessária uma nova visão de mundo. É aí que entra a forma muito particular de Serres produzir suas demonstrações e entender o tempo e o espaço, que dificultam bastante a apreensão do sentido da sua obra. Ele não tem uma visão linear do tempo, como flecha que corre do passado para o futuro. O tempo para Serres é caótico, admitindo as mais extraordinárias conexões, e sua forma de argumentação vem da matemática – com a topologia. Por isso ele se permite coisas como falar da explosão da Challenger e nos remeter ao deus Baal. E isso não é figurativo, é literal, uma ligação entre os dois momentos.

"Pode-se construir uma espécie de dicionário que permita traduzir termo por termo, gesto por gesto, acontecimento por acontecimento, a cena do Cabo Canaveral no rito de Cartago e reciprocamente. A lista se encontra em Statues(...): o custo respectivo de operação, comparável para ambas as comunidades, a multidão imensa que a contempla, os especialistas que a preparam e se separam do comum, o fogo, o maquinário mais adequado nos dois casos, dada a técnica das duas épocas, a repetição organizada ou fascinada desse acontecimento, a morte daqueles que são encerrados nas duas estátuas que dominam, com seu porte, o espaço em volta..., a denegação a que você se refere: não, não são homens mas bois, gritavam os pais das crianças queimadas em Cartago; não, não, dizemos nós, não é voluntário, não é um sacrifício, mas um acidente, inevitável, calculável até pela probabilidade.(...)a série de substituições funciona exatamente como uma sutura(...)dir-se-ia que seguimos os traços de união ausentes entre os dois mundos."¹⁰

Na segunda parte deste capítulo detalha-se a concepção de tempo e o tipo de demonstração que Serres utiliza. Por enquanto, estamos exemplificando como o autor constrói seu pensamento. Esta maneira de criar seu texto, de vincular arte e filosofia e

¹⁰ idem, ibidem pg 208

ciência, de fundir tempos e épocas distantes, faz de Serres uma exceção no mundo do pensamento contemporâneo, marca sua singularidade, sua independência, sua importância.

Existem outros saberes que operam de modo análogo, utilizando inclusive certas referências teóricas de Serres. A terapia familiar sistêmica chama de **reenquadramento** a uma prática que modifica "o contexto conceitual e/ou emocional de uma situação ou ponto de vista segundo o qual ela é vivida, colocando-a em outro enquadramento que corresponda tão bem quanto, ou mesmo melhor, aos 'fatos' dessa situação concreta, cujo sentido, em consequência, muda completamente."¹¹ Não é exatamente o que Serres faz com Challenger/Baal?

Durante as entrevistas e embates de Serres com Bruno Latour, para se produzir o livro “Luzes”, aparece a hipótese de que haveria duas fases na obra de Serres: o Serres que cientista e comentador de textos (da década de 60 até a de 80) – o que a filosofia faz habitualmente, mas não da maneira de Serres, e o Serres que cria ‘relatos’ (da década de 90 em diante). A primeira fase pode ser representada pelo estudo de Leibniz, Pascal, Zola, Verne, Lucrécio, Roma; e a segunda fase pelo ‘Filosofia Mestiça’, o ‘Uma História de Anjos’, o ‘Contrato Natural’, o ‘Cinco Sentidos’.

Serres é bastante crítico em relação aos comentários de texto. Ele acredita que comentar não leva a lugar algum. Que apenas a invenção interessa, a criação de uma obra própria. Mas sua primeira fase é de comentador. Então, em que se diferencia o comentário serresiano do que se faz normalmente em filosofia?

“o comentário parasita a invenção -, porque eles utilizam uma só chave para abrir todas as portas e janelas: a chave-mestra psicanalítica, a marxista, a semiótica e assim por diante.(...)é preciso inventar um método local para um problema local. Cada vez que se procura abrir uma fechadura diferente, é

¹¹ cit. em Elkaim, Mony Se você me ama não me ame pg. 56

necessário forjar a chave específica, portanto irreconhecível e sem equivalente no mercado de métodos.”¹²

Então Serres passa em revista algumas de suas demonstrações para problemas locais - como a centralidade do ponto fixo na obra de Pascal, para se entender tanto seus comentários matemáticos ou físicos como seus ‘Pensamentos’, o que nunca tinha sido visto antes; como o soneto de Verlaine e a teoria do ruído de fundo; as principais teses do poema de Lucrécio e o conjunto de tratados de Arquimedes; a brancura para explicar o romance ‘La Rêve’, de Zola.

“(...) não expliquei os ‘Pensamentos’ partindo da linguagem, ou da teologia, ou do sexo ou da economia, ou ainda da filosofia da história, em suma, dos métodos canônicos(...) Li Pascal, extrai da sua obra um elemento específico, que lhe é próprio, esse ponto fixo, realmente inventado por ele, mas que não vale nem para Malebranche, nem para Bossuet, nem para Corneille ou Descartes.(...) As melhores soluções são por conseguinte locais, singulares, específicas, adaptadas, originais, regionais.(...) Diante de cada problema, é preciso partir novamente do zero.”¹³

Estas passagens, estudadas e singulares, são a maneira, o modo de Serres produzir a síntese, o achado, a invenção, a criação do pensamento. Segundo ele, seu método lembra a luz não tanto no sentido de esclarecer, mas no da velocidade da luz em suas travessias. Ele diz que, mesmo em ciência, a intuição vem primeiro, depois a demonstração a acompanha. E cada demonstração tem as características principais – unicidade, clareza, economia, fechamento, saturação, síntese.

Então, a obra de Serres passa para um outro momento. É quando ele começa a criar ‘relatos’, textos numa prosa belíssima e próxima à poesia em muitos momentos. Quem vinha acompanhando sua obra, toma um susto. E os filósofos estranham tanto que já não

¹² Serres, Michel op. cit. pg 123

¹³ idem, ibidem pg 130, 131, 122

reconhecem a obra do autor como uma obra filosófica. Mas, para Serres, chega um momento em que é preciso abandonar o que já se sabe e jogar-se de cabeça no que virá.

“Existe uma idade para a ciência abstrata e em seguida uma outra para as coisas, onde nos vemos pensando que quanto mais os discursos são científicos e submetidos a uma alta vigilância demonstrativa, menos eles são interessantes. Deve haver estágios na vida filosófica, momentos de abstração e horas de liberação.”¹⁴

O Serres da segunda fase é o da liberação. Quando se deixa de lado todo conhecimento acumulado e se tenta produzir o novo. Serres afirma que os filósofos sempre inventaram palavras, sintaxe e até formas literárias, como o diálogo, o ensaio, a meditação, o devaneio. Porque então negar à sua obra a possibilidade de fazer o mesmo? Para ele a filosofia trabalha sobre um cone de dupla face – sobre a primeira face a enciclopédia, sobre a segunda nada; uma acumulação da totalidade e depois o abandono, o salto. Este salto está presente nas últimas obras.

Vou me arriscar a utilizar um projeto de instalação, PONTACABEÇA, de um artista plástico chamado Avino, para exemplificar como funciona o pensamento de Serres. A instalação é uma forma de pensar o pensamento, a racionalidade, o racionalismo e a desrazão. Tem a forma de um ataúde gigante, com uma abertura de entrada e um orifício de saída. No 'meio' possui uma passagem estreita, um rasgo na lycra que separa uma câmara branca de uma câmara negra. Entra-se pela câmara branca, que logo nos apresenta um conjunto de monóculos sobre um expositor, um módulo negro.

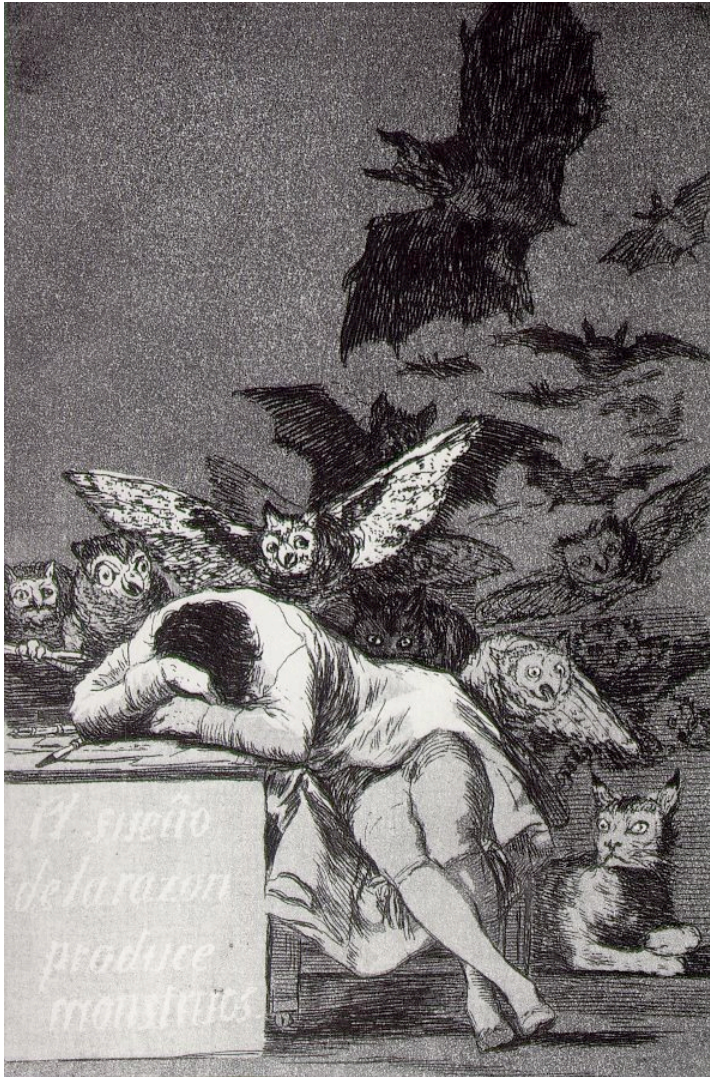
¹⁴ idem ibidem, pg 134



Cada monóculo oferece uma pequena parte de uma pintura de Bosch (“A Extração da Pedra da Memória”) – onde se conservou apenas os traços sem a cor, obra que precisará ser reconstruída na memória para ser vista. Depois há um caminho de pedras que nos dirige diretamente para um outro expositor que apóia um 'menir', uma 'estela' onde está inscrito o texto de Drummond¹⁵ sobre o primeiro encontro entre as pedras e o homem. De lá

¹⁵ “As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, e à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas deambulantes, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquele, todavia, em nada se assemelhava às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detêm-se. no esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção desse instante, fixam-se as pedras - para sempre - no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e estupefatos e pobres seixos desgarrados. Mas a coisa sombria-desmesurada, por sua vez aí está, à maneira dos enigmas que zombam da tentativa de interpretação. É mal de enigmas não se decifrem a si próprios. Carecem da argúcia alheia, que os liberte de sua confusão amaldiçoada. E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas. Esse travou o avanço das pedras, rebanho desprevenido, e amanhã fixará por igual as árvores enquanto não chega o dia dos ventos, e o dos pássaros, e o do ar pululante de insetos e vibrações, e o de toda vida, e o da mesma capacidade universal de se corresponder e se completar, que sobrevive à consciência. O enigma tende a paralisar o mundo.” Carlos Drummond de Andrade O Enigma

caminhamos para a parede grafitada com o Goya em grandes proporções, pintado com cores metálicas e fosforescentes.



É no meio da parede que se encontra o 'hímen', um rasgo por onde se passa para a câmara escura. Lá, no centro da câmara completamente negra, há um *spot* iluminando apenas o objeto exposto: um cérebro, a peça anatômica, mergulhada numa substância azul e uma voz pontuando o texto de Carl Sagan¹⁶ sobre as potencialidades da mente. Então

¹⁶ "o número de estados diferentes de um cérebro humano é $(10^{13})^2$ dez trilhões de vezes elevado à segunda potência . todos os estados do cérebro não estão de modo algum ocupados: deve haver um número enorme de configurações mentais que nunca entraram e nem mesmo foram vislumbradas por nenhum ser humano na história da espécie. Deste ponto de vista, cada ser humano é verdadeiramente raro e diferente(...)." Carl Sagan *Os dragões do Éden*

vemos o buraco no meio da parede dos fundos, e tentamos sair por ele. Se enquanto estivermos saindo olharmos para o espelho colocado a certa distância do buraco, nos

veremos saindo pela enorme boca da cabeça pintada por Francis Bacon e projetada ali.





Sobre a obra está sendo projetado um texto em movimento, de Nietzsche¹⁷, falando da capacidade de pensar.

O artista busca conectar muitas coisas – épocas da história em que está havendo transições – Barroco, Expressionismo, Contemporâneo; antigüidade, modernidade, atualidade. E nós transitamos pelas transições, passamos por elas, as atravessamos.

Encontramos, então, formas de entender o mundo que foram separadas, cortadas epistemologicamente pela modernidade – a literatura, a ciência, a filosofia – juntas participando do mesmo ambiente. O ataúde é símbolo da passagem do tempo e da nossa

¹⁷ “*não temos a liberdade de separar entre alma e corpo, e menos ainda temos a liberdade de separar entre alma e espírito. Não somos rãs pensantes, nem aparelhos de objetivação e máquinas registradoras com vísceras congeladas - temos constantemente de parir nossos pensamentos de nossa dor e maternalmente transmitir-lhes tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino, fatalidade. Viver - assim se chama para nós, transmutar constantemente tudo o que nós somos em luz e chama; e também tudo o que nos atinge; não podemos fazer de outro modo*” Friedrich Nietzsche *Da vontade de potência*

condição humana – nós somos finitos, provamos a morte. O menir apresenta o falo, o rasgo um hímen, o buraco um ânus ou boca.

As pinturas escolhidas comunicam conceitos – três obras de pintores aparecem reenquadradas ou desconstruídas – "A extração da pedra da memória" de Bosch, "El sueño de la razón produce monstruos", de Goya e "Head VI", de Bacon. "A extração..." fala da psiquiatria, da neurologia, da doença mental, da irracionalidade; daí a desmontagem da obra nos monóculos, como a vontade da medicina que começava em desmontar o corpo em especialidades para entendê-lo – e então, perdê-lo, pois ficam o biológico e o orgânico sem o humano e a subjetividade. "El sueño" fala do pesadelo da modernidade, já que o sonho da razão produziu monstros, como nos diz Serres no Tanatocracia(Hermes I) – daí a pintura de uma água-forte com cores fortes, metálicas e fosforescentes, que dão à modernidade com suas luzes barulhentas. Fala também do inconsciente, descoberto ou inventado justamente neste período histórico – a cena é a de um jovem que caiu no sono. O "Head" de Bacon fala do horror, do sofrimento, do poder (é a cabeça de um papa), da desrazão. Temas que Serres enfrenta com perspectivas inovadoras.

Os textos comunicam também. O de Drummond fala da relação estranha entre as pedras e o Enigma, que é o homem. A aparição do homem (não nomeado no texto) faz as pedras pararem e nunca mais se moverem. E o texto pergunta se, depois das pedras o Enigma faria o mesmo com os rios, as árvores, o ar. Nossa relação com a Terra, com as coisas em si, orgânicas e inorgânicas, que precisam de um contrato natural, segundo Serres, é o que está sendo posto em jogo nesta crônica do maior poeta brasileiro. O de Carl Sagan fala da singularidade de cada ser humano e da potencialidade ilimitada e biologicamente comprovada da mente para criar e inventar coisas que desde o início da história da espécie, até agora, nunca emergiram nem foram pensadas, sentidas, imaginadas, feitas – Serres

elogia o tempo todo a invenção e a criação. O texto de Nietzsche fala do trabalho do pensamento e de como precisamos fazer entrar nele (no pensamento), tudo o que somos – paixão, dor, desejo, porque não somos máquinas de calcular com vísceras congeladas, e só um pensamento assim pode pensar o humano e os desafios que se apresentam. Serres também não evita o horror, os afetos, a constituição de um pensamento digno do mundo e do homem, da história e do devir. Assim, este trabalho artístico mostra, na prática, a hibridação a que Serres alude em toda sua obra.

1.2 Uma Poética da Comunicação

“Que sinal dos tempos, que para criticar cruelmente uma obra afirme-se a respeito dela que é somente poética! Poesia em grego, significa fabricação, criação Os poemas de La Fontaine, Verlaine ou Mallarmé exigem tanto rigor quanto um teorema da geometria, e a demonstração deste pode revelar tanta beleza, às vezes, quanto estes mesmos poemas. Valia a pena, portanto, refletir sobre esse rigor e essa beleza comuns, sobre essa cultura evidentemente única. Não temos nem dois cérebros, nem dois corpos, nem duas almas.”¹⁸

Poética vem de *poiesis*, grego. Há tempos atrás no MASP, onde Adélia Prado se apresentaria, Marilena Chauí introduz a conversação com uma fala a respeito da poesia e sua etimologia. Ela afirma que o poeta é um trabalhador, já que *poiesis* significa trabalho. E, naquele momento, colocava em cheque as divisões antigas e arbitrárias entre trabalho manual e intelectual, trabalho material e imaterial, o afetivo e o concreto, as palavras e as coisas. Era primeiro de maio, dia do trabalho.

“Poetry, in a sense, is the noise of science. Without poetry there would be no science.(...) Serres firmly believes that the very viability and vitality of science depends on the degree to which it is open to its poetical other.(...)Poetry is the way of the voyager open to the unexpected and always prepared to make unexpected links between places and things.”¹⁹

¹⁸ Serres, Michel op. cit. pg 62, 44

¹⁹ Lechte, John 50 Contemporary Key Thinkers John Hopkins 1984

Esse é o trabalho de Michel Serres: produzir hibridações, mostrar que nada está tão separado entre os saberes, entre os tempos, entre os lugares, entre as coisas, entre a natureza e o homem. Serres faz falar o que toca de forma bastante singular. Com a linguagem dos Anjos, aquela que fez com que todos se entendessem no Pentecoste, que uniu todas as línguas, do depois de Babel, numa que fazia com que todos se compreendessem. Esse é seu objetivo. Mostrar que existe ciência num poema, poesia numa demonstração matemática, filosofia na comunicação. Passagens e relações por todos os lados. Ficamos sabendo que a realidade é porosa. Esponja por onde entram e saem os fluxos. Pensamento da complexidade, das multiplicidades e singularidades, do mestiço.

*“Mestiço, mulato... resultante e rico em sangues, culturas e heranças múltiplas, Arlequim representa um tesouro universal de humanidade, independência... e adaptação dócil a vários mestres, de sabedoria, astúcia, risos e misericórdia... Como soma de todos os homens, possa ele inspirar os operários de filosofia.”*²⁰
Michel Serres, *A Lenda dos Anjos*. São Paulo, Aleph, 1995; p.135.

Como ele é o mestiço instruído, o arlequim, aquele formado em matemática, filosofia e letras clássicas, que lecionou epistemologia e história das ciências, quando se lê Serres, é preciso perscrutar a linguagem para se chegar ao sentido, porque ele a usa de um modo diferente da maioria dos filósofos ou cientistas, numa narrativa, numa forma de dizer que surpreende e assusta.

Seu estilo é inconfundível, e faz parte do sentido daquilo que vai dizer dizê-lo da forma que o faz.

“(...)eu estava irremediavelmente condenado a abandonar o estilo clássico e técnico da filosofia(...) a inventar um novo vocabulário, o que teria complicado ainda mais a situação; assim resolvi, pouco a pouco, utilizar cada vez mais a

²⁰ Serres, Michel *A lenda dos Anjos* pg 135

linguagem natural, a de todos os dias. Ora, desse o momento em que ela é refinada ao máximo e da melhor maneira possível, cria-se um estilo. Daí esse efeito poético, acusação estranha de que sofri e sofro ainda, não que eu despreze a poesia, mas o que testemunha uma dura incompreensão. Para uma situação diferente era preciso criar uma nova língua"²¹

A situação diferente é a mudança de paradigma científico que ele pôde viver e a percepção de que só uma nova forma de se comunicar poderia fazer sentido neste momento que é o contemporâneo. Para dizer esse novo mundo e essa nova vida, foi preciso criar, inventar, porque, segundo Serres, a filosofia é uma antecipação dos pensamentos e das práticas futuras. É Serres mesmo quem afirma que para criar sua obra foi preciso levar em conta os mais profundos fundamentos da linguagem, "as if it is necessary to reinvent the language in which one thinks, everytime one thinks. Immediately, philosophy becomes poetry, in the original sense of the Greek word 'poiesis', which means fabrication, production, invention"²²(entrevista no CEPAOS)

Serres pertence a esse grupo de pensadores que tem sido chamados da ciência da complexidade, ou do conhecimento complexo. Uma das definições possíveis, dada por um dos seus eminentes fundadores é:

"É a viagem em busca de um modo e pensamento capaz de respeitar a multidimensionalidade, a riqueza, o mistério do real, e de saber que as determinações – cerebral, cultural, social, histórica – que se impõem a todo o pensamento co-determinam sempre o objecto de conhecimento. É isso que eu designo pensamento complexo"²³

O pensamento complexo é aquele que procura respeitar tanto a multiplicidade do mundo quanto a singularidade dos acontecimentos, tanto as ciências quanto a literatura, tanto a filosofia quanto as artes. Um pensamento que busca a imersão na realidade hiper-complexa do homem e da natureza para voltar à tona com novos olhos e, às vezes, uma

²¹ idem, Luzes pg 96,97

²² www.cepaosreview.tripod.com/serres.html em 13/12/2003

²³ Morin, Edgar O Método II A vida da Vida pg. 14

pérola estranha (curiosamente, ‘barroco’ é como nomeavam as pérolas não perfeitamente redondas, mas disformes e diferentes que apareciam em certas conchas).

"Michel Serres, claimed by complexity thinkers as one of their own, is a definitely a poeticiser (Serres, 1982). And certainly, according to Stengers, 'Within a rich and diverse population of cognitive practices our [complexity] science occupies the singular position of a poetic listening to nature - in the etymological sense that the poet is a maker - an active exploration, manipulating and calculating but now capable of respecting the nature that it makes speak' (Stengers, 1987: 46.6)"²⁴

Como Serres e os pensadores da complexidade estão sempre atravessando fronteiras, sinto-me à vontade para tomar um conceito que é eminentemente utilizado nas artes para, de viés, usá-lo na análise de seu trabalho. Estilo na literatura e nas artes plásticas é uma maneira de fazer singular e única, maneira que os críticos também nomeiam de Poética. A poética é programa de arte, declarado num manifesto, numa retórica ou mesmo implícito no próprio exercício da atividade artística; ela traduz em termos normativos e operativos um determinado gosto, que, por sua vez, é toda a espiritualidade de uma pessoa ou de uma época projetada no campo da arte.

Substituindo arte por comunicação/filosofia temos o fazer, produzir, criar filosofia /comunicação diferenciada e diferenciadora. No caso de Serres, colocando a comunicação no cerne da preocupação filosófica – "la condition de possibilité de tout savoir en général réside dans l'espace transcendantal de la communication"(L'interference 153).

Daí minha hipótese de que o pensamento de Serres produz uma Poética da Comunicação, que faz pensar a comunicação e faz a comunicação pensar. Que faz produzir

²⁴ Dillon, Michael From Strategy to Poetics: poststructuralism versus complexity science

atos comunicativos inteligentes, como veremos adiante (cap. 4). Como ele mesmo diz, "la traduction est, a la fois, une pratique et une theorie" (Le Parasite, pg132). Por isso Serres se lança na busca de novas formas de comunicar educação. Ele foi o mentor do desenvolvimento de um software criado para gerenciar conteúdos e competências das pessoas em escolas, empresas, etc. O sistema foi desenvolvido, em meados da década de 90, por dois de seus 'discípulos', Michel Authier e Pierre Lévy.

*"Com o Gingo e As Árvores de Conhecimento, no lugar de identidades fixas ganham visibilidade singularidades móveis, reais e complexas, feitas de uma multiplicidade de aptidões. No lugar de hierarquia de competências, a partir das quais se distribuem os indivíduos, fixados a identidade, ganham visibilidade comunidades de conhecimento e aprendizagem mútuas, ou sujeitos coletivos de saberes e habilidades."*²⁵

Serres também se encontra envolvido há mais de dez anos num projeto da Universidade Aberta na França, tentando conectar a universidade a todo tipo de mídia para oferecer o conhecimento a pessoas que não podem estar presencialmente no campus.

Para pensar a comunicação e para comunicar seu pensamento, Serres inventa conceitos e **personagens conceituais**. Não é todo pensador que age assim. Dos importantes contemporâneos somente ele e Deleuze/Guattari assim o fazem. E este é um pressuposto fundamental para Serres:

*"O que faz progredir em filosofia, mas igualmente em ciências, é inventar conceitos, e essa invenção se efetua sempre na solidão, na independência e na liberdade, sim, no silêncio(...) a filosofia cria, além de conceitos, personagens. Deleuze, novamente, disse-o melhor, há pouco, do que eu poderia dizer. Eis uma amostra: Hermes, o Parasita, o Hermafrodita, o Terceiro-instruído, o Arlequim."*²⁶

²⁵ Costa, Rogério Cartografia dos saberes <http://www.ddic.com.br/FrameConjunIni.htm> em dez/2003

²⁶ Serres, Michel Luzes pg 50, 99

Michel Serres tem uma profunda admiração por Gilles Deleuze, filósofo que, segundo ele, não seguiu as modas e as rotas já convencionadas, mas inventou. Curiosamente, a rejeição que ambos sofreram no meio acadêmico francês foi idêntica e aguda. Este filósofo, em seu livro ‘O Que é Filosofia’ nos explica o que são personagens conceituais.

“O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo(...)Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares”²⁷

Portanto, a tarefa de compreender o pensamento de Michel Serres é realizada quando conseguimos apreender os sentidos dos personagens conceituais. Eles dão forma à sua filosofia. Eles explicitam o movimento da sua reflexão. Eles facilitam entendê-lo.

Podemos dizer, de modo grosseiro, que esta construção, em que toda fixidez é momentânea usa Hermes como o princípio ou método – a tradução. O Parasita é o entre - convidado 'penetra', o aproveitador, a contaminação – aquilo que complexifica as relações. Anjos são os agentes de comunicação, meio e mensagem.

"Os personagens conceituais são pensadores, unicamente pensadores, e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e aos traços intensivos dos conceitos. Tal ou tal personagem pensa em nós e talvez não nos preexistia”²⁸

Nesta poética da comunicação que Serres cria, os personagens conceituais funcionam juntamente a uma outra forma de demonstração, fundamental para que compreendamos as passagens por vezes rápidas demais que Serres opera em suas obras, conectando saberes diferentes com épocas diferentes. Essa diferença no modo de

²⁷ Deleuze, Gilles e Guattari, Felix O que é Filosofia pg 86

²⁸ idem, ibidem pg 92

demonstrar é básica para sabermos como ele pode fazer acoplamentos de coisas tão díspares como um poema e a física contemporânea – como é o caso do *De Rerum Natura* e a física dos fluidos, que ele expõe no livro sobre Lucrécio. Ele utiliza a álgebra contemporânea como técnica de comparação.

"Em filosofia, onde os elementos se encontram ainda mais afastados uns dos outros, este método parece, de início, bastante curioso: aproxima coisas bem díspares. E foi o que logo me censuraram: a proximidade entre a teoria das turbulências e o texto de Lucrécio, entre a termodinâmica e os romances de Zola, e assim por diante.(...)A rapidez é a elegância do pensamento, que faz pouco caso da tolice, pesada e lenta.(...)cada vez que eu tocava alguma coisa não se tratava de uma viagem por nada, eu só me dava o direito e o dever de fazer isso sob condição de inventar. Cada vez que eu passava por algum lugar, tentava deixar uma solução realmente original"²⁹

Junte a este modo de ilustrar uma **outra concepção de tempo**, e o que você vai conseguir é não ser entendido absolutamente, ou ser mal interpretado.

Este conceito de tempo-espço é basilar para nossa imersão no pensamento do filósofo. Vamos utilizar o conceito de *Ma* da cultura japonesa para ilustrar o espaço-tempo topológico e pleno de Serres. Para os japoneses não existe espaço neutro. Ele é fluxo contínuo, vivo, com seu próprio tempo e ritmo, é uma rede complexa entre pessoas e objetos, considerando de maneira fundamental os intervalos, o entre. Como em Serres, espaço e tempo não são entendidos separadamente:

Serres's time, in this sense, is "a distribution," multidirectional not only horizontally but also vertically; it is a topological sheet wrapping the world. As such, this materialistic notion of time is new about space and time in that, for Serres, they "do not make up a pair of notions, unities, forms, or sets."³⁰

Derrick de Kerckhove afirma que hoje estamos desenvolvendo um *Ma* psicotecnológico, "mundo de intervalos eletrônicos em constante atividade e reverberação". Mundo que une o humano à máquina "com redes espessas de atividades"(Kerckhove 225-

²⁹ Serres, Michel op. cit. pg 90

³⁰ Ma, Ming Qian Topological Time

227). Esta é a expressão do espaço-tempo neste momento. Mas ainda não fica patente como é a construção deste espaço em Serres e como isso lhe possibilita criar estes espaços de interferência, traduzir coisas muito distantes no tempo e diferentes no tipo de saber. O livro *Luzes* é importante porque foi produzido justamente para mostrar como funciona o pensamento de Serres, quais seus caminhos, suas descobertas, suas invenções, seus temas, suas preocupações.

Serres não crê num princípio que é um dos estamentos da ciência moderna – o corte epistemológico. Apesar de ex-aluno de Bachelard, Serres não se vincula a esta teoria chamada da excelência, onde o presente (numa perspectiva linear e evolutiva – a figura da flecha do tempo), sempre é melhor e mais evoluído que o passado. Isso nos distancia do antigo, desautorizando-o, e faz com o que o presente tenha sempre razão. Mas Serres não vê o tempo assim.

Para ele, fica claro que o regime das revoluções é apenas aparente. Ele nos faz imaginar – usando a teoria das placas em geofísica, que por baixo destes tais cortes, correm ou percolam fluxos lentos e viscosos numa temporalidade completamente diferente, deslizamentos contínuos que provocam esses tremores da história chamados revoluções. Estes deslizamentos profundos nos põem em comunicação com o passado. Serres diz que toda nossa dificuldade sobre a teoria da história ocorre por pensarmos o tempo de modo ingênuo e insuficiente.

"o que é contemporâneo? Considere um modelo recente de automóvel: constitui um agregado dispar de soluções científicas e técnicas de épocas diferentes. Pode-se datá-lo peça por peça: tal órgão foi inventado no início do século, outro há dez anos e o ciclo de Carnot tem quase duzentos anos. Sem contar que a roda remonta ao neolítico. O conjunto só é contemporâneo pela montagem, pelo desenho, pela carroceria, às vezes somente pela futilidade da publicidade"³¹

³¹ id, ibid pg 64

É só pensar na palavra tempo para as duas aplicações diferentes que usamos todos os dias. No tempo que faz – a meteorologia, e no tempo que passa – o cronológico. Na meteorologia é preciso pensar o clima através das novas teorias das flutuações, dos atratores estranhos, para trabalhar com sua previsibilidade e imprevisibilidade. Serres diz que é preciso perceber que o tempo da história é também assim complexo, ou mais. O tempo ocupa um espaço topológico bizarro, não geométrico-linear. Ele 'escoa' de maneira muito complexa, inesperada, complicada com "pontos de parada, rupturas, poços, chaminés de aceleração fulminante, rasgos, lacunas."(Luzes pg.78,79) Assim, Serres mata dois coelhos com uma caixa d'água: resolve os problemas com a epistemologia e com a história.

Uma das coisas mais agradáveis e surpreendentes no estilo de Serres para o leitor é o modo como ele utiliza a etimologia, como ele retira o sumo dos sentidos das palavras em sua língua e em outras. Cada explanação é uma aula que mistura os saberes – ciências humanas e exatas, arte e filosofia, simbólico e real.

Em sua parábola sobre o deus Júpiter, ele nos faz compreender a história das ciências e a etapa nova em que nos encontramos. Jú, radical indo-europeu, guarda o sentido de claridade, luz do dia (de onde o 'jour', manhã em francês). Piter deriva de Pater, pai. Júpiter vem a ser dia-pai ou "Pai nosso que estai nos céus". Jú foi esclarecido pelas ciências exatas – a física mostra que Júpiter não lança raios, mas que uma descarga elétrica o produz. Lemos Einstein, Maxwell, Poincaré e entendemos a natureza e seus fenômenos. Piter foi-nos explicado pelas ciências humanas – antropologia, sociologia, Freud, Nietzsche, os semiólogos, fazem com que entendamos as relações de parentesco, as construções sociais e políticas. Deus está morto, não há mais religião. Agora é preciso compreender como vivemos com nosso pai sob a claridade do dia, como o coletivo

misturado ao mundo funciona. Não sendo mais necessário estabelecer a separação, vem a necessidade de comunicação entre os saberes, das hibridações e mestiçagens.

A principal diferença de uma poética para uma teoria é o que ela produz. A poética é um modo de fazer, pensando. Ela não produz apenas uma reflexão sobre, um trabalho do pensamento em relação ao tema. Ele inflete no tema uma potência para produzir diferença, produzir qualidade e intensidade. Serres provoca isto, em várias instâncias, e no campo que nos interessa, ele serve de mediador para ler o contemporâneo e sua relação estreita com as novas tecnologias da informação e da comunicação(NTIC). Como nos diz Elhajji:

"Trata-se, com certeza, de táticas pós-modernas de resistência a processos hegemônicos inerentes à globalização, de sistemas locais de opressão ou de reterritorialização de subjetividades despojadas. São estratégias plenamente válidas de trilhamento de novas linhas de fuga no caótico ambiente social-existencial que caracteriza a nossa época atual"³²

A hipótese deste trabalho é que o que está acontecendo no mundo contemporâneo em direção a uma utilização tática e contrainformacional das NTIC pode ser ligado à análise de Serres sobre a comunicação. Seu apoio manifesto à não-regulamentação na internet, porque intui que "um novo direito nasce todos os dias de um lugar de não-direito", porque conhece a criatividade posta para trabalhar em rede naquilo que tem sido chamado por vários belos nomes (Inteligência Coletiva, Inteligência Conectiva, Noosfera), mostra seu otimismo.

A beleza e a potencialidade deste novo mundo que começa, visto como as bodas do carbono com o silício (assim dizia Deleuze no posfácio de seu livro sobre Foucault), não foi ignorada por Serres e está sendo investida em seu trabalho. Mas, ele não evita o grotesco e a crueldade que aparecem no mundo:

"Novamente, a história dos mitos, culturas e religiões, explica melhor o estado de coisas do que a história das ciências ou mesmo a história propriamente dita. A

³² ElHajji, Mohammed Da Semiose Hegemônica Ocidental pg 237

distância entre deuses e homens, tal como a mensuravam os antigos gregos, por exemplo, substituiu seu arcaísmo pela moderna diferença de classes; o escândalo amplia-se a partir daí. Sob as baixas latitudes encontram-se os mortais aos quais a tradição reserva o nobre nome de homens; nas altas, encontram-se os imortais, que não cessam de sorver o néctar da ambrosia. Essa evidência não pode deixar de lado as chamadas democracias, escudando-se numa publicidade mentirosa, na qual ninguém mais crê, elas ainda podem glorificar a mais feroz e desigual das aristocracias corporais, mais implacável do que todas as outras? Os discursos hipócritas nos fazem tremer de indignação desde que seu contrário visível é posto à mostra: os esqueletos do Terceiro Mundo gritam até a morte, diante dos obesos de plenitude."³³

Daí ele pensar o que chama de moral para o novo mundo: a erradicação da pena de morte não apenas individual, vinculada aos criminosos, mas à coletiva, vinculada aos despossuídos. Isso, por meio de uma legislação que proponha a não utilização da violência. Só assim, para Serres, seria possível resolvermos objetivamente o problema do mal. Decidir não matar significa decidir com todas as forças e vontade e entendimento conservar a vida em sua tripla constituição indissociável: natureza, sociedade, indivíduo. Uma tarefa e tanto para um novo século iniciado há pouco. Parece poesia, mas é uma poética: escolher comunicar vida ao invés da morte. Temos os meios, ou como dizia o poeta: "A lição sabemos de cor, só nos resta aprender."(Beto Guedes)

***Traduzir-se
(Ferreira Gullar)***

*Uma parte de mim
É todo mundo:
Outra parte é ninguém
Fundo sem fundo.*

³³ idem, Hominescências pg 35

*Uma parte de mim
É multidão
Outra parte:
Estranheza e solidão*

*Uma parte de mim
Pesa e pondera:
Outra parte
delira*

*uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta*

*uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente*

*uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte
linguagem*

*traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida e morte -*

será arte?

2. Conhecimento Hermético

*“Estranhamente: do hermético
brota o potencial de uma
verdadeira comunicação
humana”³⁴*

O capítulo vai explicitar a maneira como Serres traz a comunicação para o cerne da questão do conhecimento, na sua proposta de uma Filosofia da Comunicação. Fala da mudança de paradigma científico, que propiciou pensar a mistura dos saberes. Mostra que

³⁴ Kothé, Fábio Hermetismo e Hermenêutica - Paul Celan pg. 35

na obra de Serres este personagem funciona como um método, como tem um papel central para demonstrar a necessidade do pensamento complexo e explícita que referências da nova ciência Serres utiliza.

2.1 Uma Filosofia da Comunicação

“(...)quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode continuamente ser remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”³⁵

Na década de 70 foi lançado em São Paulo um jogo que era um espelho preparado, modificado. O tamanho era de mais ou menos 30x30cm. Duas pessoas por vez jogavam. Colocava-se o espelho num anteparo sobre uma mesa. Era necessário que ficasse na altura do queixo dos participantes. Então, apagavam-se as luzes e duas velas eram acendidas. Uma ficava com a pessoa na frente do espelho, outra com a pessoa atrás do espelho. Movimentando as velas, os jogadores tinham que encontrar o ponto onde os rostos se fundiam.

O espelho misturava características de um e outro e o que se via era um novo rosto, o mestiço. Havia jogadores que não suportavam o que viam. Achavam grotesco, e crispavam. A sensação provocada tinha uma grande intensidade, como uma perda

momentânea de identidade, uma alucinação lúcida. O jogo, chamado ‘Persona’, tornava-se, para outros, um exercício de aceitação do outro em si mesmo, uma aproximação solidarizante, uma reflexão sobre o ‘eu’. Nosso envolvimento – teórico ou existencial - com a mídia e as novas tecnologias da comunicação é mais ou menos assim. E o que Serres propõe é este espelho estranho, objeto que mistura todos os saberes e produz o novo.

“(...)il est inévitable d'établir une philosophie de la communication qui exprime l'encyclopédie et qu'elle est, comme elle exprime le monde tel qu'il est(...)une philosophie de la communication sans substance, c'est-à-dire sans fixité ni

³⁵ Calvino, Ítalo Seis propostas para o próximo milênio pg 138

*réfêrence.(...)Le transport des concepts et leur complication, l'intersection et le recouvrement des domaines, la conférence indéfinie du sens dans la speculation non réfêrentiêe, miment de lors (...)le tissue même où sont plongés les objets, que sont les choses mêmes, le réseau mondial diaboliquement complexe de l'entre-information. La communication s'imposait à nouveau au terme d'un circuit reconduisant la théorie."*³⁶

Para Serres, é absolutamente necessário constituir uma filosofia da comunicação. Essa filosofia se baseia na necessidade de entender o mundo a partir da teoria da informação e dos novos desenvolvimentos científicos, como diz: "(...)a concepção, a construção, a produção dos contatos, das relações, dos transportes, da comunicação em geral evoluem tão rápido que constróem incessantemente, em tempo real, um novo mundo"(Luzes 151)

Mas este novo mundo só está sendo possível e esta Filosofia a que Serres alude e cria só pôde vir à tona graças a uma mudança de paradigma no campo científico. É que o paradigma clássico tinha como trindade o primado da ciência, da experiência e da razão. Ele defendia a idéia do homem como dominador do planeta, já que a ciência – sua filha – resolveria todos os principais problemas humanos. Ele era determinista – com Newton, o mundo passa a ser visto como uma grande máquina regida por leis fixas e invariáveis, bastando conhecê-las para manipulá-las. Esse aspecto mecanicista das ciências físicas passa para as humanas, donde os behaviorismos e outras correntes criadas para conduzir a homem e sociedade.

Então acontece a física moderna, que vira de ponta-cabeça este modelo mecanicista da natureza. A teoria da relatividade, mexendo com nossa visão de tempo e também de espaço; a física quântica, encontrando no mundo subatômico fatos difíceis de aceitar como o comportamento dual da matéria – ora partícula, ora onda, que mexe com nosso conceito de identidade. Outra novidade: descobre-se que o observador está incluído, faz parte do que

³⁶ Serres, Michel *Hermes II L' interference* pg 13, 15

descreve e em certo sentido, a observação só acontece nessa conexão entre observador e objeto . Vai pelo ralo a neutralidade do observador. Descrição objetiva também.

O que estes físicos encontraram e formularam era tão novo e surpreendente que eles tiveram que fazer um grande esforço de linguagem e imaginação para comunicá-lo. E a angústia, o desespero que sentiram só consegue se igualar em tamanho à sua coragem e inteligência. Incerteza passa a ser uma palavra científica, impensável para a ciência do século XVIII.

As mudanças são muitas: de sujeito e objeto para sujeitos intercondicionantes num processo de reversibilidade; de causa e efeito para a de intercausalidade, rede de forças interagindo; de universo sólido a universo poroso como enxame ou redemoinho; de substância e acidente para a relação complexa; do certo e errado para a coerência, encaixe e sustentação no todo. Tudo isso e muito mais, deu origem ao pensamento da complexidade, já que o mundo não se mostrou tão previsível quanto a ciência clássica esperava.

Graças a esse montante de mudanças, o pensamento de Serres mistura, traça pontes, passagens entre as disciplinas e as conjuga em sínteses improváveis e provadas. Ele opera ao longo de uma relação, de um contato. É que Serres pensa de maneira vetorial. E nada melhor para pensar dessa maneira do que utilizar as preposições. Elas, como o nome diz, traçam relações que estão antes de qualquer posição. Portanto, móveis, deslocáveis, substituíveis.

"Parto de maneira dispersa, das relações, e de cada uma, bem diferenciada (...)Posso observar que cada um dos meus livros descreve uma relação, muitas vezes impossível de ser expressa por meio de uma preposição singular. A interferência, para os espaços e os tempos que se encontram entre, a comunicação ou o contrato para a relação expressa pela preposição com, a tradução para através..., o para-sita para ao lado de..., e assim por diante"³⁷

³⁷ idem, Luzes pg 135

Uma filosofia do movimento, uma viagem do pensamento que produz uma teoria das relações. Para Serres, que fez seu doutorado em Leibniz, este pensador criou a primeira filosofia da comunicação, no caso, comunicação das substâncias. A partir de Leibniz e sua monadologia, Serres preparou sua filosofia desterritorializada, linha de fuga de todas as estratificações, institucionalizações, fechamentos.

*"Serres' major interest is the parallel development of scientific, philosophical and literary trends. In a very simplified manner, one might say that Serres runs counter to the prevalent notion of the two cultures – scientific and humanistic – between which no communication is possible. In Serres view 'criticism is a generalized physics' and whether knowledge is written in philosophical, literary, or scientific language it nevertheless articulates a common set of problems that transcends academic disciplines and artificial boundaries"*³⁸

Seu pensamento pode ser chamado de Filosofia da Comunicação justamente porque ele realiza objetivamente a comunicação entre os estratos de saber, entre as fronteiras constituídas pelo pensamento moderno - criador da divisão das ciências e do afastamento destas da literatura e da arte.

*"A comunicação diz respeito, igualmente, a essas transferências de método de uma ciência a outra ou da mais pura ciência à filosofia. Ela atravessa espaços – por exemplo, o espaço da enciclopédia – bem menos simples ou translúcidos do que poderia esperar. Tome-se a lista de meus livros: facilmente pode-se observar como passei da matemática à física, desta às ciências do ser vivo e às ciências humanas, sem jamais abandonar seu componente histórico. Mas não se trata de uma lista ou de uma marca inteiramente lisa, em um espaço homogêneo ou plano, mas, ao contrário, desenha um relevo atormentado, caótico, fractal, mais fiel à realidade"*³⁹

Ele afirma também que é preciso falar das coisas mesmas, dos objetos. Já que a humanidade começa com as coisas, porque "os animais não possuem objeto"(Luzes pg.215) Serres diz que há uma história das coisas que precisa ser contada e levada em consideração. E que essas coisas não são a Natureza. São objetos socializados, ativos. Acrescenta que a sociedade está cheia de objetos, não é o que pensam dela as ciências sociais. É preciso

³⁸ Girard, René citado em Zembylas Michalinos Of Troubadours, Angels and Parasites

³⁹ Serres, Michel Luzes pg 100,101

pensar o coletivo em meio aos seus objetos. Em seu livro 'Le Parasite', surge pela primeira vez o conceito de quase-objeto. Quase-objeto é um objeto que torna visíveis as relações que constituem o grupo. Não deixa de ser uma ferramenta, um objeto técnico, ou o que seja, mas seu papel social se revela. Serres vai numa direção diferente de Kant, por exemplo, que pensava em formas puras, do sujeito e do objeto em cada extremo, separados e categorizados, para que a mistura se fizesse no fenômeno. Serres vê proliferação de quase-objetos por todos os lados, em nosso tempo contemporâneo. Bruno Latour, falando sobre estes híbridos no seu livro 'Jamais fomos modernos', exemplifica como isso funciona:

"O menor vírus da AIDS nos faz passar do sexo ao inconsciente, à África, às culturas de células, ao DNA, a São Francisco, mas os analistas os pensadores, os jornalistas e todos aqueles que tomam decisões irão cortar a fina rede desenhada pelo vírus em pequenos compartimentos específicos, onde encontraremos apenas ciência, apenas economia, apenas representações sociais, apenas generalidades, apenas piedade, apenas sexo."⁴⁰

Nosso mundo é o da mistura, dos mestiços, e essa constatação (im)pura e simples deveria nos fazer repensar as divisões operadas e constituídas como verdade na Idade Moderna. Evidentemente não somos mais modernos, se já o fomos alguma vez, principalmente nós, aqui do Sul. Aqui onde os tempos se misturam de maneira abrupta e radical – pré-moderno, moderno e contemporâneo convivem quase pacificamente.

The problem of communication requires a philosophy of the ars communicandi projected beyond the linear and univocal order of modern reason, which does not think according to a linear sequence, by simple chains, but in the complex order of multiplicity. It is not only a question of configuring a non-Cartesian reason(...)but also a question of beginning a reflection on the complex as such, confronting the simple firmness of referential reason with the mobile framework of complexity, in a logic that is by now also non-Bachelardian (M, 35)⁴¹.

A complexidade é o meio para pensar esse mundo constituído de mixagens, mestiçagens, simbioses entre sociedade, cultura e natureza. É da complexidade e de suas

⁴⁰ Latour, Bruno pg. 8

⁴¹ Polizzi, Gaspare Hermetism, Messages and Angels

teorias que Serres tira elementos para fundamentar sua Filosofia da Comunicação.

Prigogine e os sistemas abertos longe do equilíbrio, Deleuze e os personagens conceituais e o rizoma, Gleick e a teoria do caos.

"a exploração deste mundo ao mesmo tempo uno e múltiplo está apenas no começo. Novos conceitos, portadores a um só tempo de aproximações inesperadas e de distinções insuspeitadas, desestabilizam hoje as categorias mais sólidas e estabelecem, entre as ciências, múltiplas vias de comunicação(...)talvez uma das lições mais interessantes da 'descoberta da complexidade' seja, pois, nos ensinar a decifrar o mundo em que vivemos sem submetê-lo à idéia de uma diferença hierárquica de níveis."(Prigogine e Stengers 1992 71, 73)⁴²

Esse mundo que surge do novo paradigma científico, das telecomunicações e das redes digitais, tem potencialidades em relação ao que chamamos democracia nunca antes postos à disposição de tantos. E as angústias sofridas pelo campo científico com estas mudanças faz com que, hoje, muitos cientistas estejam bastante sensíveis ao mundo fora do laboratório. O mundo fora do laboratório também está incerto, instável, imprevisível. Mas algumas constatações se podem fazer e são tarefas que se colocam a quem quer não apenas pensar e experimentar o mundo, mas transformá-lo:

"The ethical and pedagogical consequences drawn from the renewed context of the Serresian philosophy of communication can be synthesized in a double moral problem: that of an ethical obligation that permits the egalitarian publicity of knowledge, and that of a passage from truth to good, in which their reciprocal conflict may be resolved by the primacy of responsibility over truth"⁴³

Primeira tarefa - é preciso tomar a palavra comunicação em seu sentido etimológico: colocar em comum um serviço. E o serviço a ser colocado em comum para todos é o conhecimento, com acesso livre e igualitário, propiciando diálogo e participação. Segunda tarefa – fazer da verdade um bem para todos, pelo primado da responsabilidade sobre a verdade. Para realizar estas tarefas em comum seria preciso a mobilização de nossa matéria afetiva.

⁴² Cit em Kunsch, Dimas Maus Pensamentos pg. 66,67

⁴³ Polizzi, op. cit.

“A definição materialista do amor é uma definição de comunidades, uma construção de relações afetivas que se estende através da generosidade e que produz agenciamentos sociais. O amor não pode ser algo que se fecha no casal ou na família; deve abrir-se para comunidades mais vastas. deve construir, caso a caso, comunidades de saber e de desejo; deve tornar-se construtor do outro. O amor é hoje fundamentalmente a destruição de todas as tentativas de fechar-se na defesa de algo que não pertença a si. Creio que o amor é a chave para transformar o próprio em comum.”⁴⁴

Com esta definição, o amor contemporâneo muda de eixo. Este é um amor comunista, no sentido de fazer-se comum, de todos, para todos. Ou: "O amor soma toda a filosofia". (Anjos pg.274) Esse amor pode realizar as mudanças necessárias na estrutura social, econômica e política. A utopia objetiva, amparada nas novas tecnologias, na nova caracterização do trabalho (imaterial, subjetivo, afetivo), na nova caracterização do trabalhador (que alguns chamam de cognitariado, para substituir o proletariado), na virtualidade e potencialidade do conhecimento para todos é o que podemos ‘televisionar’ (no sentido de televisionários) em nossos monitores.

2.2 Hermes como método

"Pela tematização dos conjuntos, pela topologia dos espaços, pelo campo do aleatório, pelo estudo das energias, pela física das partículas, pelas nuvens estelares ou galácticas, pelos quanta e a indeterminação dos trajetos, pela bioquímica genética, pelo tratamento das grandes populações, pela teoria da informação, por toda mensagem mergulhada no mar inomeável do ruído, por mil regiões conexas, de perto ou de longe, à velha terminologia e a seus descendentes, todo objeto, todo pacote de objetos, mas também todo domínio, toda coleção de domínios são, no máximo, nuvens(...)Os lugares de passagem e da comunicação, as encruzilhadas de Hermes”⁴⁵

A saga de Hermes foi produzida de 1969 a 1980. Foram cinco volumes chamados I) A Comunicação, II) A Interferência, III) A Tradução, IV) A Distribuição e V) A Passagem

⁴⁴ Negri, Toni Exílio pg 52

⁴⁵ Serres, Michel Hermes pg 117

do Noroeste. Para todas estas obras, Serres utiliza a teoria da informação de Shannon e Weaver, direcionada para a física por Brillouin, que Serres faz variar a cada livro.

Hermes é o deus mensageiro que traz aos homens a comunicação dos deuses. Mas é também ladrão e malandro, inventor da lira de nove cordas, responsável pelo início da música. É também o deus do comércio, das trocas, o inventor dos pesos e medidas, protetor das fronteiras e guia dos viajantes. É o personagem conceitual que Serres usa para mostrar que são inseparáveis política e economia, ciência, mito e arte.

“Metáfora significa, justamente: transporte. Esse é o método de Hermes: ele exporta e importa, portanto atravessa; ele inventa e pode se enganar, devido à analogia; perigosa e mesmo, a rigor, proibida, não se conhece contudo outra via de invenção. O efeito de estranheza da mensagem provém dessa contradição, de que o transporte é a melhor e a pior das coisas, a mais clara e a mais obscura, a mais louca e a mais segura.”⁴⁶

Serres descobre que Hermes, este personagem conceitual, se adequa à tarefa que ele quer cumprir: descompartmentalizar o conhecimento, torná-lo uno e múltiplo, global e local e singular. Nos seus dizeres, “a ciência não é um conteúdo, mas um modo de circulação.”(Luzes pg 138) Fiquei sabendo pelo Leminski, numa oficina que ele ofereceu em São Paulo em 1988, que na Grécia de hoje metáfora quer dizer táxi, aquele transporte que leva o passageiro de um lugar para o outro. Transportar de um lugar do conhecimento para outros, derivar, interferir, traduzir entre as ciências e os modos de conhecer. Esta a tarefa do pensamento serresiano.

Faço outra deriva que pode ajudar a perceber como Serres produz o pensamento. Hermes é Mercúrio na mitologia romana, que deu nome a um elemento químico ao mesmo tempo puro e híbrido, metal e líquido, inanimado e movente, que se fragmenta e se reúne com a mesma facilidade. Prata que fixa o ouro, pode-se ver nele capacidades de adaptação,

⁴⁶ idem, Luzes pg 90

ligação, regeneração, purificação, velocidade. Mercúrio é também o mais veloz dos planetas. Aqui no Brasil existe um termo popular que nomeia Mercúrio como ‘azougue’. Mas no dicionário azougue também significa pessoa esperta, vivaz. Na Alquimia, os 3 princípios eram: o mercúrio, o sal e o enxofre. O sal é o comparado ao corpo físico, o enxofre ao espírito, e o mercúrio é o intermediário, o principal agente alquímico. Da Grécia para Roma, de lá para a química, de lá para a Astronomia e para a cultura popular brasileira e para a alquimia. De cada lugar do conhecimento - pequenas bolinhas dispersas de mercúrio – fazem-se passagens e traça-se um plano rizomático que, reunido, mostra o mercúrio-rede. Cada salto amplifica e revela mais coisas sobre o personagem conceitual, sobre o método de Serres.

Para Serres, é preciso perceber que todas as coisas estão envolvidas num outro modo de tempo que não o geométrico: linear-progressivo (passado, presente, futuro), ou plano. Ele cita o conceito da física contemporânea do tempo dobrado. Imagine um lenço estendido de forma plana. Desenham-se uns pontos a distâncias variáveis dentro dele. Há pontos bastante distantes entre si, se se conservar o lenço esticado. Mas se o amassarmos aleatoriamente, esses pontos distantes podem ficar colados um no outro e a distância acaba. O tempo acontece num espaço topológico e não geométrico, que permite paradas, lacunas, poços, chaminés de aceleração. O tempo se dobra e se torce.

“(..)qualquer acontecimento da história é multitemporal, remete a algo passado, contemporâneo e futuro, simultaneamente. Este objeto, esta circunstância são por conseguinte policrônicos, multitemporais, mostram um tempo estampado, multiplamente dobrado”⁴⁷

Daí as passagens (as comunicações) entre as várias formas de conhecimento – ciência, religião, filosofia, arte – serem possíveis e operacionais. Latour dá um nome para esse

⁴⁷ idem, ibidem pg 82

movimento – denomina **primeiro hermetismo** a liberdade de manobra, Hermes e suas passagens **inusitadas** de saber para saber num tempo dobrado. Depois, localiza um **segundo hermetismo**, que é o efeito de estranhamento. Serres argumenta que o efeito de estranhamento dá-se em função da velocidade, da rapidez das mudanças. Mas a rapidez é necessária, porque é preciso passar por tudo.

“Sim, passei por tudo: pela matemática clássica e moderna – a matemática é, por si só, um mundo -, pela física antiga e moderna, pela biologia contemporânea ... pelas ciências supostamente humanas, no momento do Parasite, e de Rome a Statues..., pelo latim, grego, história da filosofia, literatura e história das religiões. Tentei falar dos períodos essenciais: dos gregos, dos latinos, da Renascença, Do século XVII, do XIX...”⁴⁸(Luzes 91)

Para Serres, passar por tudo é o trabalho da filosofia, já que ela compõe um mundo em grande escala e no mais fino detalhe. Ela quer fornecer respostas para problemas especializados como métodos e demonstrações, história e tempo, arte e ciência, mas também quer responder àquelas perguntas que nos perturbam desde a infância – a morte, a guerra, o corpo, os sentidos, os animais, a doença, o mal.

Como exemplo, a Semana de Arte Moderna de 1922 teve dois protagonistas que não eram parentes – Mário e Oswald de Andrade. Antropofagia e Macunaíma são política, economia, ciência, mito. Antes disso, muito antes, outro Andrade já tinha começado esta revolução com uma obra estranhíssima, que críticos profetizaram seria lida apenas 50 anos depois. Souzaândrade faz o Guesa Errante na segunda metade do século XIX . Poema que narra a odisséia de um inca pela América Latina, até ser morto sacrificialmente em Wall Street, pelos operadores da bolsa e os banqueiros, numa língua que mescla inglês com português, sem rimas e com uma estranha composição. Eram as idéias modernas circulando já antes na cabeça do maranhense, na mesma época de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud.

Uma espécie de profecia sócio-político-econômica da situação latinoamericana. No ano em

⁴⁸ ide, ibidem pg 91

que Souzaândrade morre, nasce outro Andrade – Carlos Drummond, poeta que, pouco mais tarde se tornará o maior da segunda geração modernista, e um dos maiores do mundo. Toda uma linhagem Andrade sem laços de sangue se enlaça na história multitemporal da cultura brasileira moderna. Daí a sempre difícil pergunta de onde começa o Modernismo, se é que ele existe.

“O regime das revoluções é, com certeza, apenas aparente. E se por trás delas ou abaixo desses cortes corresse, percolasse – fluxos lentos e viscosos?(...)Os terremotos descontínuos resultam de rompimentos bruscos, não longe das falhas reconhecidas(...)mas embaixo, movimentos de deslizamentos contínuos, extraordinariamente lentos, explicam esses rompimentos súbitos(...) e mais embaixo ainda desses movimentos contínuos, arrastados e tranqüilos, mas inexoráveis, um núcleo de calor mantém ou carrega os tapetes rolantes.”⁴⁹

O personagem conceitual Hermes faz ver que a comunicação é um processo humano essencial para produzir o novo nas hibridações que essas passagens e velocidades entre os lugares/estratos de conhecimento provocam. Para a comunicação social, instiga a buscar outras maneiras de comunicar informação com sabor e profundidade - com contextualização, narrativa inteligente, humanização - e não apenas produzir a informação insípida do ‘infoteinment’ contemporâneo.

"Hermes, ao renovar-se, torna-se cada vez mais nosso novo deus, uma vez que somos homens, não só (deus) o de nossas idéias ou de nossas condutas, de nossas abstrações teóricas, mas também o de nossos trabalhos, de nossas técnicas, de nossas experiências, de nossas ciências experimentais(...)de nossa biologia, (...)o da informática, da finança rápida e da moeda volátil, do comércio, da informação, da mídia produtora de uma terceira realidade independente daquela que consideramos como real.”⁵⁰

Hermes ocupa o lugar central no panteão contemporâneo do mundo sem religião.

Ele media com a velocidade das novas tecnologias em tempo real, rápido e rasteiro:

⁴⁹ ide, ibidem pg 181,182

⁵⁰ idem, ibidem pg 151

*"Onde estás?', 'De onde falas?'. Não sei, pois Hermes se desloca sem parar. Mas pergunte-lhe, em vez disso: 'Que mapa estás prestes a traçar. Que redes teces?' Nenhuma palavra única, nem substantivo, nem verbo, nenhum domínio ou especialidade caracteriza, por si só, pelo menos por ora, a natureza do meu trabalho. Só descrevo relações. Até o momento, contentamo-nos em dizer: teoria geral das relações."*⁵¹

Mesmo quando muda de personagem, como fez em diversos livros, Serres afirma que nunca deixou de lado Hermes "que constitui a unidade do trabalho. (...)Graças a ele, em parte, a intenção unitária e sintética não abandona jamais um pluralismo local radical: ele passa por todo lugar e visita os locais em seu detalhe específico e sua singularidade"(Luzes pg147)

Para Serres, o que está em jogo é seu projeto de trabalho, aquele texto de 1967, 'Le Messenger'. Ali, ele se propôs como tarefa passar por tudo. E para passar por tudo, com uma única vida, só sendo rápido: "É preciso ir rápido quando o que se tem a pensar é complexo."(Luzes pg.94) E para ser rápido é preciso pular os intermediários e ir direto ao que interessa. Calvino, num paralelo maravilhoso de um ficcionista e crítico literário com um filósofo, diz que assim se comporta o melhor da literatura:

*"o segredo está na economia da narrativa em que os acontecimentos, independentemente de sua duração, se tornam punctiformes, interligados por segmentos retilíneos, num desenho em ziguezagues que corresponde a um movimento ininterrupto.(...)Na Sicília, os contadores de histórias usam uma fórmula: 'lu cuntu num metti tempu'(o conto não perde tempo), quando quer saltar passagens inteiras ou indicar um intervalo de meses ou de anos(...)a rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade, desenvoltura(...)"*⁵²

Essa é a dificuldade da leitura e compreensão de Serres, mas é também o prazer da leitura e da descoberta destes enlaces imprevistos e funcionais e verdadeiros. Tudo isso está em

⁵¹ idem, ibidem pg 168

⁵² Calvino, Ítalo op. cit. pg 48,49,59

Hermes-Mercúrio, que é Toth na mitologia egípcia, inventor da escrita. Que, para Jung, representava também o princípio de individuação. Novamente Calvino:

“Mercúrio, de pés alados, leve e aéreo, hábil e ágil, flexível e desvolto, estabelece as relações entre os deuses e entre os deuses e os homens, entre as leis universais e os casos particulares, entre as forças da natureza e as formas da cultura, entre todos os objetos do mundo e todos os seres pensantes.”⁵³



Interlúdio – O Exu

Serres, que louva e convoca as miscigenações, não vai estranhar minha chamada por um outro deus mais próximo de nós, mestiços e crioulos e negros do Brasil. Vou invocar outra mitologia que também tem em seu panteão um deus da comunicação: a iorubá. Dentre os orixás, é Exu quem tem o papel devido a Hermes, na cultura cultura greco-romana, e devido aos anjos, na cultura judaico-cristã-islâmica.

Para os antigos iorubás, os homens habitam a Terra, o *Aiê*, e os deuses orixás, o *Orum*. Mas muitos laços e obrigações ligam os dois mundos. Os homens dividem com os orixás sua comida e bebida, vestem-nos, adornam e cuidam de sua diversão. Os orixás são os antiquíssimos fundadores das linhagens cujas origens se perdem na lenda .

Em troca dessas oferendas, os orixás protegem, ajudam e afirmam a identidade de seus descendentes humanos. Também os ancestrais ilustres merecem esse cuidado, e sua lembrança os mantém no presente da coletividade, até que um dia possam renascer como um novo membro de sua mesma família.

⁵³ idem, ibidem pg 64

O sacrifício é uma celebração: alimenta a família toda, inclusive os mais ilustres e mais distantes ancestrais, alimenta os pais e mães que estão na origem de tudo, os orixás, numa reafirmação permanente de que nada se acaba e que na rede comunitária se enlaça o presente da vida cotidiana e o passado relatado nos mitos.

Exu é o primeiro que deve ser louvado. Ele estava presente no primeiro ato da Criação, foi o primeiro criado. Sem ele nada passa, dos orixás para os homens, dos homens para os orixás, e entre os próprios orixás. Ele abre as portas e tranca a rua. Exu não é o Diabo, isto é o que fizeram dele no sincretismo. Exu é o diabo, se formos pontuar como negativas (com a valência ocidental cristã) algumas de suas características na cultura iorubã.

Como mensageiro dos deuses, Exu sabe de tudo, não há segredos, tudo ouve e tudo transmite. E pode quase tudo, pois conhece todas as receitas, todas as fórmulas, todas as magias. Exu trabalha para todos, não faz distinção, trabalha para todas as divindades, para os antepassados e os humanos. Ele não pode ter preferência. “Princípio dinâmico e princípio da existência individualizada, Exú não pode ser isolado ou classificado em nenhuma das categorias. Ele é como o axé (que ele representa e transporta), participa forçosamente de tudo.”⁵⁴

Sua singularidade em relação aos outros orixás é o caráter inovador: Exu tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em dúvida, quebrar a lei e promover mudança. Por isso é temido e considerado perigoso. Ele é o princípio do movimento, que tudo transforma.

⁵⁴ <http://www4.sul.com.br/orixa/exu.htm>

Exu é ambíguo, bifronte, carrega qualificações morais e intelectuais próprias do responsável pela manutenção e funcionamento do *status quo*, inclusive como o princípio da fertilidade, mas ao mesmo tempo é o transformador que fere a tradições. Um deus instável, duvidoso, interesseiro, turbulento.

Num paralelo entre Hermes e Exu, suas atribuições são as mesmas, mas Exu tem primazia. É o segundo orixá na escala, mas o único que fala e ouve, que recebe e transmite. No culto, deve ser servido em primeiro lugar, porque senão não vai haver comunicação entre os orixás e os homens. Ele serve a todos e tem todo o saber e todo o poder. Está do lado da tradição e do lado da mudança, no meio como uma mensagem passando. Deus da fertilidade, está do lado do amor e do prazer, coisa que Hermes não faz. É uma figura mais completa que Hermes, tocando os estratos simbólicos, sociais, afetivos.

É um Hermes outro, ou o outro de Hermes. Mestiço, pertencente a uma cultura que está sendo aniquilada no lugar de origem, seus povos morrendo de fome, de sede, em guerras fratricidas, abandonados pelos que os exploraram e os despossuíram. Exu é um deus mais condizente com a busca pela justiça, pela não-violência. Exu é o deus que comunica a história dos vencidos, dos fracassados, dos excluídos. Exu é *ecce homo*, castigado, escorraçado, difamado, que não obedece à lei, que fala possuído pelo demônio. Ele não tem por símbolo a cruz, mas sim a encruzilhada, a multiplicidade de caminhos, ao invés do único caminho. Ele talvez possa se comunicar melhor com

*"(...)o perdedor, o fraco, o desprovido, o pobre, o esfomeado, o indigente sem recursos, o miserável sem abrigo. Eles existem em tão grande número, no presente, sobre a superfície do planeta, que eles passam a fornecer, objetivamente, numericamente, estatisticamente, no limite ontologicamente, a melhor definição de humanidade, sim, do homem, tão difícil de definir, ao que se diz, na filosofia abstrata e especulativa, e no entanto tão fácil de descobrir em torno de si."*⁵⁵

⁵⁵ Serres, Michel op. cit. pg 241

Manifesto parasítico-paraclítico

Constatação: Há um parasitismo que é valor de mercado. Politicamente. Economicamente. Filosoficamente. Localmente. Atualmente.

...

Dura lex do mundo cão. Atitude hipócrita de todo neoliberalismo. De todas as legiões de demônios. De todas as tratativas de guerra.

...

Mas há outro. Ser e não ser é a questão.

....

Contra todas as poses. Contra-mão dos fracos.

...

a fome existe porque os tais parasitas te comem o direito à comida, à educação, à arte, ao prazer. A necessidade de certa vacina. Anticorpos e antiespíritos ruins.

...

o parasitismo é usar o outro e o do outro sem criar com as forças-formas. Este parasitismo é debilitante – tira sem dar troca.

...

a parasitose dessensibiliza e coordena o bloco dos reclamentos indiferentes. Faz impotentes da vontade, incapacita para a mudança.

...

a morte do parasita é a impossibilidade de parasitar. Sem o FMI e sem o FIM. Pelo meio é sempre melhor.

...

a poesia como moeda-mundi. Alegria é o lucro.

...

do Plano Real fazer o Plano Virtual vir a ser Atual.

...

por um parasitismo intensivo . pela mestiçagem do silício e do carbono. uma criança cyborg come maçãs transgênicas na árvore do desconhecimento do bem e do mal

...

pelos bodas da antimatéria com a matéria.

(Gerson Dudus - Macahé /1999; 71 anos pós-Antropofagia, versão atualizada 2004)

3. Tratado de Parasitologia

Este capítulo vai trabalhar com o personagem ‘parasita’ explicando seus três sentidos na língua de origem: parasita social, parasita biológico, parasita como ruído na mensagem. Faz uma leitura do filme Matrix Reloaded a partir do ‘parasita’. Explica o que significa a questão do mal para Serres: seu lugar na ciência, no uso da tecnologia, no mundo contemporâneo. O texto do manifesto foi anterior à minha leitura do Parasita de Serres, mas eu já tinha uma vaga noção dos tipos qualitativos diferenciados de parasitismo. Agora, fica mais fácil entender o quadro clínico-biopsicossocial. É isso que se quer mostrar.

3.1 O parasita na Matrix

“O Parasita” foi lançado em 1980. Serres continua usando a teoria da informação como no “Hermes”, mas inventa outra personagem conceitual - o Parasita - que no francês significa múltiplas coisas: o parasita social, o parasita biológico e a estática ou o ruído que interfere num sinal.

O parasita, como personagem conceitual, representa o terceiro incluído, uma invenção do pensamento de Serres. Ele diz que não é possível conservar apenas os dualismos, numa racionalidade que separa radicalmente os dois lados. A diferença deriva das novas perspectivas científicas – a teoria do caos, a termodinâmica, que estudam os fluxos, as mudanças de fases. O parasita está ali, entre as relações, complexificando o sistema.

O Parasita realiza um percurso errante na obra de Serres. Primeiro, no livro que leva este nome, escrito de 1975 a 1979, que Serres declara ser seu manual das relações humanas. O que parece ficar enfaticamente clara é a constatação de que o mal está em todo lugar, parasitando as relações. O convidado-penetra que se apossa da casa, a doença que se torna a peste, o barulho que atrapalha a conversação. Os pequenos problemas vão se aglutinando, males menores que se convertem, ao fim e ao cabo, no Mal. Num segundo momento da análise de Serres sobre o parasita nos livros posteriores, Estátuas e Gênese, o personagem se torna mais complexo, revelando novos atributos.

No Estátuas, Serres usa como exemplo a racionalidade cartesiana para mostrar como aquilo que queremos isolar da ação do Parasita, aquilo que queremos manter puro, que queremos manter em ordem, acaba se tornando uma fórmula reducionista, erradicando o que é desordenado, imperfeito ou não-lógico. E isso causa uma brutal exclusão de tudo o que não se encaixa numa estrutura linear. No fim, essa inflexibilidade e rigidificação causa,

justamente, a perda da liberdade e da invenção vitais ao processo humano. Os efeitos dessa tentativa de purificar o meio e erradicar o Parasita pode vir a causar problemas maiores, como reitera Baudrillard:

“Há uma terrível consequência da produção ininterrupta de positividade. Pois, se a negatividade gera a crise e a crítica, a positividade hiperbólica gera a catástrofe, por incapacidade de destilar a crise e a crítica em doses homeopáticas. Toda a estrutura que encurrala, que expulsa, que exorcisa seus elementos negativos corre o risco de uma catástrofe por reversão total, como todo o corpo biológico que encurrala e elimina seus germes, bacilos, parasitos, seus inimigos biológicos, corre o risco da metástase e do câncer, isto é, de uma positividade devoradora das próprias células, ou o risco viral de ser devorado pelos próprios anticorpos, que passam a não ter uso.”⁵⁶

No Gênese, que o autor disse que iria se chamar Noise – barulho, confusão, no francês antigo; ruído no inglês - o autor lida com a idéia de que é impossível livrar-se daquilo que incomoda, daquilo que desvia da norma, do Parasita. Como a ciência da complexidade demonstra, não é possível separar informação de ruído. Sem ruído, nenhuma comunicação.

"Mandelbrot 's first significant contribution to the field had to do with the study of noise. The problem: how to eliminate noise from telephone line transmission? Mandelbrot discovered that "excess noise" occurred not in a steady stream but in "bursts and gaps"(...) concluded that "pure noise" does not exist--and for that matter, neither does "pure signal." (...)This image of signal and noise wedded together provides a powerful descriptor for the difficulties inherent in determining signal from noise. (...)Consider another Bell Labs employee, a generation before Shannon, who faced the same problem: Karl Jansky. Jansky, hired by Bell Labs to eliminate noise in transatlantic radio broadcasts, discovered radio signals emitting from the "heart of space": the middle of the Milky Way. Noise came from stars, but this "noise" soon became the basis of a new science founded by Jansky--radio astronomy. Weak signal transmission--used by radio astronomers, SETI scientists, and an amateur radio subculture--declares that "noise" can harbor information, that noise represents a potential. How could one draw a line between signal and noise?"⁵⁷

Para ler estes movimentos do conceito vou me valer de uma obra contemporânea que lida com os nossos anseios e medos neste novo momento que é o do pós-humano, da

⁵⁶ Baudrillard, Jean A Transparência do mal pg 113

⁵⁷ Fractal Bodies, www.dc.peachnet.edu/~mnunes/complex/noise.htm em 20/10/2003

relação estranha que está se estabelecendo entre as máquinas informáticas e nós. A trilogia **Matrix**, filme realizado pelos irmãos Warschowski, lida com as questões das relações entre novas tecnologias da comunicação e sociedade, realidade virtual e realidade, a deriva humana na relação com as redes informatizadas.

No primeiro filme, os humanos estão submetidos a uma escravidão – seus corpos são transformados em pilhas energéticas para o funcionamento das máquinas, com o córtex ligado a um programa virtual que os mantém vivos acreditando viver num mundo real com funções reais, enquanto estão presos num casulo protéico. No primeiro, as máquinas são o Mal e os humanos o bem. O segundo filme, **Matrix Reloaded**, trabalha de maneira mais aguda a mistura entre as definições morais que damos aos personagens no primeiro filme. Ele está no meio da série e é uma espécie de ruído entre o princípio e o fim da série. Nele, não está mais tão claro o que é o bem, o que é o mal.

Matrix Reloaded pode ser lido como o jogo do Parasita em todas as modalidades, onde as máquinas parasitam os corpos humanos, retirando deles a energia através dos casulos e a vontade através do programa de realidade virtual chamado Matrix. Mais: durante o filme aparecem programas parasitando programas (Merovíngio), anomalias de sistema (Oráculo e Neo), programas se replicando e parasitando humanos (Mr. Smith), humanos parasitando as Máquinas (Zion) e a Matrix (os rebeldes).

Neste segundo filme as funções dos personagens definem-se por paradoxos. Os diálogos problematizam a visão de mundo do protagonista (Neo). Cada encontro é um novo problema – com o Oráculo, com o conselheiro Harmann, com Hama Kandra, com o Arquiteto. Seleciono do roteiro e comento alguns destes diálogos para aclarar a dubiedade do parasita de Serres.

Councillor Harmann : *Down here, sometimes I think about all those people still plugged into the Matrix and when I look at these machines I... I can't help thinking that in a way... we are plugged into them.*

Neo : *But we control these machines; they don't control us.*

Councillor Harmann : *Of course not. How could they? The idea is pure nonsense. But... it does make one wonder... just... what is control?*

Neo : *If we wanted, we could shut these machines down.*

Councillor Harmann : *[Of] course. That's it. You hit it. That's control, isn't it? If we wanted we could smash them to bits. Although, if we did, we'd have to consider what would happen to our lights, our heat, our air...*

Neo : *So we need machines and they need us, is that your point, Councilor?*

Councillor Harmann : *No. No point. Old men like me don't bother with making points. There's no point.*

Nesta cena o Conselheiro Harmann está contemplando com Neo a sala das máquinas em Zion, a cidade que os humanos libertos dos casulos e da Matrix construíram. Ele fala como um mestre Zen. Ele questiona, mas não responde. Quem é o parasita de quem, quem invade quem, quem infecta quem, quem não foi convidado e aparece para comer, quem causa distúrbio na transmissão? Os homens vieram primeiro e por isso têm primazia sobre as máquinas? Ou isso pode deixar de ser parasitismo onde sempre um sofre perdas e leva desvantagem, para tornar-se simbiose, onde os dois entram num consenso e produzem o híbrido?

Neo : *Are there other programs like you?*

The Oracle : *Oh, well, not like me. But... look, see those birds? At some point a program was written to govern them. A program was written to watch over the trees, and the wind, the sunrise, and sunset. There are programs running all over the place. The ones doing their job, doing what they were meant to do, are invisible. You'd never even know they were here. But the other ones, well, we hear about them all the time.*

Neo : *I've never heard of them.*

The Oracle : *Oh, of course you have. Every time you've heard someone say they saw a ghost, or an angel. Every story you've ever heard about vampires, werewolves, or aliens, is the system assimilating some program that's doing something they're not supposed to be doing.*

O Oráculo revela para Neo que existem programas para todo tipo de função na Matrix. Aqueles que fazem aquilo para que foram criados passam despercebidos, são transparentes porque se adequam à paisagem, ao sistema. Mas alguns se rebelam e passam

a fazer o que não deviam. Para corrigir o problema, eles são assimilados pelo sistema, que cria narrativas de seres fantásticos: lobisomens, fantasmas, anjos. As narrativas do sistema explicam a existência das anomalias sem explicá-las – mostram o **o quê** sem o **porquê** e o **como** (bastante parecido com o jornalismo da mídia de hoje). O interessante é que o sistema precisa inventar saídas, tendo assim que se modificar para (se) adaptar (a)os desadaptados.

“Systems work because they do not work(...) Given, two stations and a channel. They exchange messages. If the relation succeeds, it is perfect, optimum, and immediate; it disappears as a relation(...) That’s what the parasite is. The channel carries the flow, but it cannot disappear as a channel, and it breaks the flow, more or less.(...) There are channels, and thus there must be noise. No channel without noise.”⁵⁸

Mas o que é o parasita ? Uma coisa ou um operador? Um modo de relação. O ‘parasita’ está sempre ao lado de nossas relações, daí o prefixo ‘para’: sempre pronto a interceptar, a levar a relação em outra direção. Para Serres e os pensadores da complexidade é impossível se livrar do Parasita, nós precisamos da mediação dele. O ruído constitui o terceiro elemento na troca comunicacional entre emissor e receptor, sejam saberes, objetos, seres. Só existe sinal se houver ruído, como só existe figura se houver um fundo.

“Se existe um fundo das coisas e do mundo, é o barulho de fundo. Uma ordem, uma forma quaisquer são, inversamente, pouco prováveis. A velha distinção do fundo e da forma, tão pouco pertinente nos domínios em que fora aplicada, reaparece aqui sob a definição precisa do ruído e da informação, da desordem e da ordem, do provável e do improvável.”⁵⁹

Serres usa a teoria do caos para mostrar que a ordem é uma ilha em meio ao mar do caos. Entre a desordem e a ordem, o provável e o improvável, o parasita se torna a própria relação. Ele inventa algo novo, uma nova forma de complexidade. Michel Serres aponta

⁵⁸ Brown, Steven D. Parasite Logic

⁵⁹ idem, Hermes pg 159

três operações que o parasita desenvolve no sistema – análise, paralisia e catálise. Na primeira, o parasita está separado das estações, interceptando mensagens. Este é o movimento analítico tradicional – observar sem ser observado. Mas essa operação causa uma pequena interrupção no sistema, suas funções são perturbadas. É uma paralisia temporária. Então acontece uma mudança, um nível diferente de funcionamento, de relação. O parasita cataliza essa mudança. O sistema funciona porque não funciona: "O parasita controla vida e morte, origem e fim, a troca e o Dom, o tempo e a composição, o bem e o mal, o falso e o verdadeiro, a ordem e a desordem."(Hominescências 183)

***The Architect** : The first matrix I designed was quite naturally perfect. It was a work of art. Flawless. Sublime. A triumph only equaled by its monumental failure: no one accepted it.*

....

***The Architect** : Then, the Oracle stumbled upon a solution whereby nearly ninety-nine percent of the test subjects accepted the program provided they were given a choice - even if they were only aware of it at a near-unconscious level. While this solution worked, it was fundamentally flawed, creating the otherwise contradictory systemic anomaly, that, if left unchecked, might threaten the system itself. Ergo, those who refused the program, while a minority, would constitute an escalating probability of disaster.*

***Neo** : This is about Zion.*

....

***Neo** : Why am I here?*

***The Architect** : Your life is the sum of a remainder of an unbalanced equation inherent to the programming of the matrix. You are the eventuality of an anomaly, which despite my sincerest efforts I have been unable to eliminate from what is otherwise a harmony of mathematical precision. While it remains a burden assiduously avoided, it is not unexpected, and thus not beyond a measure of control. Which has led you, inexorably, here.*

***Neo** : You haven't answered my question.*

Neo se encontra com o Arquiteto, aquele que produziu, que criou a Matrix. E o Arquiteto começa a explicar o que é a Matrix, o que Neo é, o que acontecerá e qual seria a função do Escolhido em relação ao futuro. O interessante é notar que, quando o sistema era perfeito, ele não funcionou. Os cérebros humanos plugados no sistema não o aceitaram. Só quando foi dado ao 'usuário' a possibilidade de escolha no jogo de realidade virtual é que o

sistema funcionou. Assim, o sistema funciona porque não funciona, porque existem anomalias, defeitos.

Agent Smith : I killed you, Mr. Anderson. I watched you die... with a certain satisfaction, I might add. Then something happened. something that I knew was impossible, but it happened anyway. You destroyed me, Mr. Anderson. After that, I understood the rules, I knew what I was supposed to do, but I didn't. I couldn't. I was compelled to stay, compelled to disobey. And now, here I stand because of you, Mr. Anderson. Because of you, I'm no longer an Agent of this system. Because of you, I've changed. I'm unplugged. A new man, so to speak. Like you, apparently, free.

Neo : Congratulations.

Agent Smith : Thank you. But, as you well know, appearances can be deceiving, which brings me back to the reason why we're here. We're not here because we're free. We're here because we're not free. There is no escaping reason; no denying purpose. Because as we both know, without purpose, we would not exist.

[Several Agent Smith Clones walk in]

Agent Smith Clone 1 : It is purpose that created us.

Agent Smith Clone 2 : Purpose that connects us.

Agent Smith Clone 3 : Purpose that pulls us.

Agent Smith Clone 4 : That guides us.

Agent Smith Clone 5 : That drives us.

Agent Smith Clone 6 : It is purpose that defines us.

Agent Smith Clone 7 : Purpose that binds us.

Agent Smith : We are here because of you, Mr Anderson. We're here to take from you what you tried to take from us.

[Attempts to copy himself into Neo]

Agent Smith : Purpose.

Aqui é uma interessantíssima cena em que o programa Smith vê-se livre do objetivo para o qual foi designado (no sentido de design e destino) e não sabe o que fazer. Ele se torna um câncer narcisista propagando a si mesmo, se replicando em outros. Ele replica a angústia e a falta de propósito a que foi relegado, segundo sua interpretação. Nele só ficam as forças reativas. Ele não percebe que este é o preço da liberdade, estar *unplugged* significa que vai precisar produzir o sentido em si mesmo, em sua metamorfose. Ele passa pelo mesmo desafio que nós estamos passando. Segundo Serres, nos últimos 50 anos inventamos

"o alfa e o ômega de dois objetos-mundo, o fim e o começo, a criação e o aniquilamento. Pela dupla descoberta do DNA e da bomba (nuclear) tornamo-nos

responsáveis ativos de nosso nascimento e de nossa morte.(...) Este súbito conhecimento dos dois pólos de nosso destino específico e individual muda nosso status. Permanecendo como homens, mas nos tornando obras de nós mesmos, não somos mais nós mesmos”⁶⁰

Criar um novo mundo e uma nova figura do humano ou pós-humano. Esta é a nossa tarefa, transvalorar os valores, como diria Nietzsche. Quem opera essa negociação entre o que é e o que devém nessa mudança de fase é o Parasita.

Serres assigns various names to thirdness: parasite, third person, noise. In so doing he shifts between object, subject and attribute. Ultimately, between noun and preposition. In each case what is at stake is arguing whether thirdness is best described as a thing or as a relation. The point is beyond settling, since thirdness is, for Serres, both what makes identity possible, and that which continually threatens to undo identity.”⁶¹

Nem sujeito nem objeto, essa terceiridade é o que Serres nomeia de quase-objeto. Como num jogo de futebol, onde os jogadores só se tornam sujeitos a partir do movimento da bola, do espaço dos passes que ela abre e estabelece. O jogo existe através da bola. O quase-objeto torna visíveis as relações que constituem o grupo pelo qual ele passa. O social, o natural, o psicológico enredam-se nele, fazem rede. Formam o híbrido que nos compõe.

Ítalo Calvino, falando sobre o sentido dos objetos na literatura, descreve o quase-objeto serresiano com perfeição:

“Em torno do objeto mágico forma-se como que um campo de forças(...)podemos dizer que o objeto mágico é um signo reconhecível que torna explícita a correlação entre os personagens ou entre os acontecimentos(...)A partir do momento em que um objeto comparece numa descrição, podemos dizer que ele se carrega de uma força especial, torna-se o pólo de um campo magnético, o nó de uma rede de correlações invisíveis(...)numa narrativa um objeto é sempre um objeto mágico”⁶²

Esse modo de tratar o mundo me faz fazer um cruzamento com as três linhas que Deleuze/Guattari traçam no Mil Platôs para explicar como compomos o real, que para eles

⁶⁰ idem, Hominescências pg 49,50

⁶¹ Brown, Steven D. Quase-objects

⁶² Calvino, Ítalo op. cit. pg 46,47

é sempre biopsicossocial; micropolítico – porque afeta nosso estilo e modo de vida, macropolítico – porque altera as maneiras e costumes e estruturas do social. Portanto, natureza e cultura, individual e social, objetivo e subjetivo – tudo ao mesmo tempo, como em Serres.

Três linhas – uma de segmentaridade dura ou molar, finita, visível e consciente, dos territórios; uma de fuga, não segmentar, invisível e inconsciente, da desterritorialização e uma de segmentação maleável ou molecular, da modulação ou simulação. A última é dupla face, faz a negociação entre as intensidades e a expressão, entre o que já está constituído e a mudança. Ela propicia as hibridações, a criação. As linhas não param de se mesclar e suas relações tramam o mundo. Estas não são as operações do Parasita? Análise, paralisia, catálise. Captar o mundo, deixar-se ser afetado e afetar, viver e morrer.

Num poema feito muito tempo atrás, coloquei a palavra vida ao lado da palavra morte, as duas juntas, assim : VIDAMORTE. Qual não foi o susto, a surpresa, ao ver o que se formava na relação, na confluência, na hibridação entre uma e outra. VIDAMORTE cria o amor. A condição humana está vinculada a esta passagem, este é o terceiro incluído, o terceiro instruído, o quase-objeto, o parasita. É só na aceitação das forças da vida e da morte, na constituição de um híbrido que dê conta de ambos os conjuntos de forças, que somos humanos. É enfrentando os três grandes medos - o medo ontológico de morrer, o medo existencial de fracassar e o medo psicológico de enlouquecer - que esta aceitação nos coloca, que produzimos subjetividade, que nos inventamos e ao mundo nesse momento. Isso se aplica ao indivíduo, como ao socius.

"O amor, não a guerra, isso requer talento demais.(...)É preciso aí uma forma tranqüila, quieta, sem vontade, estável e serena como uma árvore. A ternura. É preciso um saber, esta felicidade vital que dá tudo num sorriso, a gentileza(...)É que o Eros remonta á entropia, retorna pelo grande penhasco acima. E exige

conseqüentemente o mais alto poder humano.(...)A coragem formidável de se perder no Outro. Aquilo que os imbecis pusilânimes, que sujam tudo quanto tocam, nomeiam a morte. No entanto seu nome é Ressurreição. Surreição. A filosofia se faz precisa por completo, a verdadeira, aquela que tem os pés na Terra e se decifra como sabedoria do amor, uma percepção atual da onitudo do cosmo, todo o saber humano, mesmo se o ignoramos e ensinamos, mais o incêndio ardente do patético."⁶³

Novamente Serres demonstra os valores que podem constituir uma outra ciência, uma outra sociedade, um novo homem: a ternura, a gentileza, o amor. Num texto antigo da minha adolescência, Artur da Távola dizia que não adiantava saber do amor ou saber o amor se você não se soubesse fazê-lo belo. Tornar a relação bonita. Tornar as relações bonitas. A beleza de uma teoria das relações. Uma poética da comunicação: "Language is a virus from outer-space. Listen to my heart beat"(Burroughs citado por Laurie Anderson) – a linguagem, o biológico, o astrofísico, o afetivo. E para terminar, uma última cena, esta já do Matriz Revolutions(que, infelizmente, resolve tudo por meio do esquema do bode expiatório de René Girard):

Neo : I just have never...

Rama-Kandra : ...heard a program speak of love?

Neo : It's a... human emotion.

Rama-Kandra : No, it is a word. What matters is the connection the word implies. I see that you are in love. Can you tell me what you would give to hold on to that connection?

Neo : Anything.

3.2 O problema do mal

O problema do mal é um dos temas filosóficos mais antigos. Tem uma tradição na história do pensamento nada desprezível. Sua origem e natureza foram definidas das mais diversas maneiras e de diversos pontos de vista. Desde Agostinho declarando que o mal é a ausência do bem, até a desarmonia radical em Leibniz, ao modelo metafísico de tudo que é

⁶³ Serres, Michel Hermes pg 91

imperfeito e destruidor da vida, ao conceito de tudo que é moralmente repreensível, sempre foi um problema. Sua origem foi explicada como, por um lado, totalmente externas ou, por outro, intrínseca à essência humana. Suas manifestações, vistas como pecado, sofrimento, imperfeição. São poucos os filósofos que o enfrentam, contemporaneamente. Serres é um deles. Mas o confronto com este problema em Serres toma uma via bastante diversa dos últimos duzentos anos. Como vamos mostrar.

Em francês, *le mal* serve tanto para caracterizar fenômenos ou eventos 'ruins' – mau humor, mau tempo, má alimentação - quanto para falar da noção abstrata, moral, do Mal. Em português temos mau-bom para contrastar com mal-bem, mas ambas conotam um substrato moral. Em francês há uma só palavra. E isso funciona com perfeição para Serres mostrar, durante todo o livro do Parasita, como pequeninas inconveniências, males, vão se transformando no Mal que a tudo invade. Ele termina o livro dizendo que não sabia onde iria chegar. Mas que agora, ali estava um livro da História, um livro do Mal. "Voici le Diable, donc"(Le parasite pg. 454).

Para Serres, é impossível lidar com a questão da ciência sem tocar na questão ética: daquilo que a produção científica concreta pode causar no mundo concreto.

“Faço parte da geração para a qual o cientificismo é posto em questão. Não se podia, na época, trabalhar em física sem ter sido ensurdecido pelo barulho universal de Hiroshima. Ora, a epistemologia tradicional ainda não punha em questão, para si, a relação entre ciência e violência.(...) Hiroshima constitui o único objeto da minha filosofia”⁶⁴

Como os frankfurtianos diziam que depois de Auschwitz era impossível fazer poesia, Serres declara que é impossível depois da bomba não pensar na responsabilidade

⁶⁴ idem, Luzes pg 26, 25

moral da ciência em relação à humanidade. Em cada livro Serres aponta os erros e tenta pensar concretamente no que é preciso fazer para que a ciência não seja assim vilipendiada pelo poder. A crítica é ácida e pesada. Como num trecho de *Tanatocracia*, do *Hermes III*, editado há trinta anos, que nos lembra o momento contemporâneo e um governante específico:

"(...)Hitler ganhou a guerra, como se dizia que os gregos haviam ganho a guerra contra os romanos, mesmo após sua derrota. Sua paranóia própria, que não era individual, mas histórica, atacou a política externa dos Estados e os contaminou (...)Não há chefe de Estado que se conduza diferentemente dele(...)Todos se conduzem como ele quanto ao desvio da ciência para fins mortíferos. Todos se conduzem como ele quanto à farsa desta única verdade em relação ao povo. (...)Não estou dizendo que há loucos perigosos no poder – e um único seria suficiente. Digo sim: não há no poder nada além de loucos perigosos. Todos jogam o mesmo jogo e escondem da humanidade que estão organizando sua morte sem acaso. Cientificamente."⁶⁵

Serres neste capítulo do *Hermes III* constrói uma história figurativa das ciências para mostrar como ela colaborou com os governos para as monstruosidades que se viu e se tem visto. Ele diz que os princípios positivistas pavimentaram o caminho para a loucura da razão e sua eficácia: reunir a inovação teórica com a série industrial e a previsão estratégica. As três cabeças do Cérbero, e já se sabe de quem é este animal de estimação: "A *Tanatocracia*. O governo da morte(...)O triunfo da razão". Serres diz que a partir do momento em que a ciência decidiu parar de perguntar 'por quê?', preservou sua produtividade apenas perguntando 'como?' Mas com o 'por quê?' foi-se o 'para quê?' e 'para quem?'. Sem estas perguntas a ciência se tornou uma ferramenta, objeto despojado de projeto.

Vinte anos depois deste texto, Serres escreve que nós, a humanidade, nos tornamos, graças à ciência e à técnica, senhores da Terra(Luzes). Apossamo-nos das teorias da metafísica. Trinta anos depois daquele texto, Serres declara que nos últimos cinquenta anos

⁶⁵ idem, *ibidem* pg 72

descobrimos o α e o ω , o princípio e o fim, o aniquilamento e a criação: o DNA , a bomba atômica. Fala do período de transição em que isso nos coloca – somos humanos, mas já não o somos(Hominescências pg50). E nos coloca o desafio de assumirmos nosso devir, essa mudança, com responsabilidade e alegria. Talvez a Tanatocracia possa ser vencida pela Hominescência.

Serres expressa intuições excepcionais e difíceis de aceitar quando começa a falar porque rejeita a crítica como via para o conhecimento.Quando fala sobre as transformações na moral que nosso coletivo humano precisa realizar. Bruno Latour declara que a filosofia de Serres é um Iluminismo sem a crítica. Para Latour, Serres rejeita a arma da suspeita, a arma da crítica, que fez o trabalho intelectual do pensamento nos últimos duzentos anos. Sem esse instrumental , advindo com o pensamento moderno, parece ficar impossível pensar. Mas Serres não age como um filósofo normal, ele pratica uma espécie de antropologia das ciências. É como se tudo o que interessa a Serres estivesse no meio, no entre. Serres não é moderno(como Habermas, p. ex.), mas também não é pós-moderno(como Baudrillard). Ele quer mostrar os traços da mestiçagem, da mistura dos tempos e saberes. E isso é mais um empecilho para a compreensão de sua obra.

"Assim as ciências duras seguem o seu destino sem o homem, e põem em risco com isso a humanidade, assim as ciências humanas seguem o seu mundo ou coisa, e se expõem assim à irresponsabilidade, assim, em suma e paralelamente, os dois saberes juntos impõem, em nome da ciência enfim eficaz e lúcida, o esquecimento das humanidades(...) o corte largo e profundo deixará espaço para a sutura, pois, para compreendermos o novíssimo mundo(...)a luz que brota desses textos se impõe."⁶⁶

Do que falam estes textos? Das humanidades, da literatura, que são tão importantes e foram esquecidas pelo dois conjuntos de ciências? Falam da dor e do sofrimento, das paixões, dos conflitos e da violência, do humano demasiado que escapa à racionalidade

⁶⁶ idem, ibidem pg 234

científica moderna. Mas, para Serres, esta é a origem mesma das ciências: nossa fragilidade, nossa finitude, a dor da condição humana, do problema do mal: "O problema do mal jaz no fundamento da força que nos fornecem nossos meios de abordá-lo. Eis porque ele reaparece sempre, genitor não inesperado, em meio ao exercício dessa força. Engendrada por ele, a ciência inicia com ele, repousa nele" (Luzes pg.236)

Mas na verdade, o que ainda não compreendemos é exatamente o estatuto deste novo mundo que estamos criando, o funcionamento dele, e as conseqüências disso:

"Nos equivocamos cuando creemos unilateralmente en la utilidad objetiva y el desempeño de nuestros productos materiales, pero no creemos suficientemente que ellos inventan tejidos de nuevas relaciones sociales y socio-naturales; como tampoco creemos que somos nosotros quienes construimos esos objetos-relaciones. Para corregir estas equivocaciones, Serres propone una moral fundada en el reconocimiento de que la naturaleza de la producción global de los objetos es la condición de la totalidad de nuestras relaciones. Dicho de otra manera, no podemos eludir el hecho de que la fabricación de los objetos implica simultáneamente la construcción del Deber como categoría ética."⁶⁷

Este texto de Arellano é esclarecedor: precisamos reconhecer que a natureza da produção global dos objetos é a condição da totalidade de nossas relações, hoje. É que na verdade, não havíamos ainda compreendido o óbvio. Que o coletivo se produz por meio dessa dupla circulação dos objetos criadores de relações sociais e das relações sociais criadoras de objetos. "O conjunto das causas do mal é o conjunto das relações". Essa é a diferença deste tempo e por isso temos um trabalho objetivo a ser feito em relação ao mal, para ser realizado na prática.

Serres afirma que a filosofia se tornou policial e promotor público, instalou tribunais e processos e criminosos, nos últimos 300 anos, em que todo tipo de réu ocupou a cadeira de acusado pelo problema do mal: homens, pais, colonizadores, brancos, ocidentais, logocentrismo, Estado, Igreja, razão, ciência, Deus e o Diabo. Graças a estas máquinas de

⁶⁷ Hernandez, Antonio Arellano La Filosofia de Michel Serres: Una Moral de Base Objetiva

acusação que se tornaram as críticas filosóficas, ele chega a insinuar que a lista de dos acusados é hoje simétrica à das vítimas. De modo que o mal, ou a violência possuem todos os objetos mas não têm mais sujeito. Não conseguimos extirpar o mal derrotando ou aniquilando o acusado. Ele declara assim: "O mal ativo se conjuga como um verbo impessoal", porque todos somos responsáveis. A solução é erigir uma moral objetiva e impessoal que, primeiro, aprenda a reconhecer o mal, segundo, a fazer um acordo com ele.

"When Serres looks at the basis of our laws, he finds that they are founded on the principle of retribution. Justice is based on compensation, on vengeance, on the eternal return of the vendetta. This cycle of retributive violence is bound to continue endlessly, since it is a closed system, an eternal recurrence of crime answering crime. To break out of this ever-recurring cycle, Serres proposes the statute of limitation, a legal concept which allows for the essential working of time by voiding criminal acts after a certain period. By introducing a non-reversible element into a closed system, we destroy its cyclically repetitive nature. According to Serres: "This has concerned law, but also morality, politics and theology: the pardon is the foundation of ethics, clemency the foundation of power, self-restraint covers justice and controls our destiny (TI, 216)."⁶⁸

Uma solução surpreendente e inesperada. Ela utiliza os termos da nova ciência, da pesquisa com os sistemas abertos distantes do equilíbrio, aplicando para nossa sociedade o que se vê no trato com certas substâncias. Introduzir um elemento não-reversível num sistema fechado, transforma o sistema. E agir juridicamente assim no mundo real transforma a sociedade.

Serres produz uma filosofia dos pronomes e preposições – não substantivos ou verbos, o que era comum e sempre foi o caminho. Mas, como exprimir sujeitos, objetos e relações sem eles? Serres afirma que estes quase-objetos, estes híbridos que hoje dirigem as relações, são o Parasita, um pronome – a terceira pessoa. Tudo que fala do **objeto** é um 'ele', um 'ela', o outro, cada um, eles. Por isso o que precisamos fazer é moralmente

⁶⁸ Bennamar, Karin Self Restraint in the Desire of Knowledge

objetivo. Porque a terceira pessoa é **todo objetivo** existente, todo pensável ou possível, humano, não-orgânico, mundial, local, ontológico, divino.

Então coloca que o problema do mal se resume à violência. Contra ele, ela, eles, elas, todos, cada um. E para esta moral objetiva, uma lei apenas, derivada do mandamento mosaico-cristão-islâmico: "Não te entregarás à violência". Dessa lei derivam outras três, que lhe concedem uma tripla universalidade:

- I. Não te entregarás à violência, não só contra este ou aquele indivíduo, estranho ou próximo, mas também contra a espécie humana global;
- II. Não te entregarás à violência, não mais somente contra o que jaz ou vive na tua vizinhança, mas em relação ao planeta Terra inteiro.
- III. Não te entregarás, enfim, a nenhuma violência em espírito; pois desde que ingressa na ciência, o espírito supera a consciência ou a intenção e se torna o principal multiplicador de violência. (Luzes pg.262)

Deleuze e Guattari, de novo, coincidem com esta avaliação de Serres, de que o mal está em todos, de que somos todos responsáveis, pensando no nazismo:

“não se trata apenas dos Estados, mas de cada um de nós, de cada democracia que, se não é diretamente responsável pelo nazismo, é sujada por ele(...)Não somos responsáveis pelas vítimas, mas diante das vítimas(...)agora não sentiremos vergonha de sermos homens apenas nas situações extremas(...)mas também nas situações insignificantes, frente à baixaria e a vulgaridade de existência que ameaça as democracias, diante da propagação desses modos de existência para-o-mercado.”⁶⁹

Para superar essa vergonha é preciso criar. Criar novos valores, novos modos e estilos de vida, novas comunidades que se expressem pelo amor ao saber e pelo saber do amor. Que não repitam o amor ao poder, mas que impulsionem o poder do amor. A cooperação dos coletivos inteligentes, mobilizando dezenas e centenas de milhares de

⁶⁹ Deleuze, Gilles e Guattari, Felix cit em Global 3

peessoas pelos novos movimentos sociais em suas manifestações contra uma globalização excludente, e em suas criações de dispositivos de ampliação e democratização dos direitos, é uma das vias que estão se apresentando para concretamente exemplificar essa hipótese, que em primeira instância parece apenas romântica e irrealista.

Serres afirma que não se entregar à violência é o dever mínimo, isto é, evitar fazer o mal. O dever máximo precisaria, segundo ele, de uma religião. O dever máximo é amar. Talvez não haja a necessidade d uma religião, mas de um principio religioso. Deleuze chama de *crença* – é preciso acreditar **neste** mundo e fazê-lo; Vattimo chama de *pietas* e, falando no Compós em 2002, afirmava que era preciso criar uma comunicação cujo valor *pietas* fizesse com que a comunicação se tornasse comum, colocasse em comum o conhecimento.

Bitch Mutant Manifesto

by VNS Matrix

The atomic wind catches your wings and you are propelled backwards into the future, an entity time travelling through the late C20th, a space case, **an alien angel** maybe, looking down the deep throat of a million catastrophes.

screenflash of a millionmillion conscious machines

burns brilliant

users caught in the static blitz of carrier fire

unseeing the download that scribbles on their burntout retinas

seize in postreal epileptic bliss

eat code and die

Sucked in, down through a vortex of banality. You have just missed the twentieth century. You are on the brink of the millenium - which one - what does it matter?

It's the cross dissolve that's captivating. The hot contagion of millenia fever fuses retro with futro, catapulting bodies with organs into technotopia . . .
where code dictates pleasure and satisfies desire.

(...)

Identity explodes in multiple morphings and infiltrates the system at root.

(...)

So what's the new millenium got to offer the dirty modemless masses?
Ubiquitous fresh water? Simulation has its limits. Are the artists of oppressed nations on a parallel agenda?
Perhaps it is just natural selection?

Your fingers probe my neural network. The tingling sensation in the tips of your fingers are my synapses responding to your touch. It's not chemistry, it's electric. Stop fingering me.

Don't ever stop fingering my suppurating holes, extending my boundary
but in cipherspace there are no bounds
BUT IN SPIRALSPACE THERE IS NO THEY

there is only *us*

Subject X says transcendence lies at the limit of worlds, where now and now,
here and elsewhere, text and membrane impact.

my synapses with an (ec)static rush. My system is nervous, neurons
screaming - spiralling towards the singularity. Floating in ether, my body implodes.
I become the FIRE.

Flame me if you dare.

4. Anunciação

Este capítulo mostra como ‘Hermes’ muda de um para muitos e porquê. Aproxima a miríade de anjos do conceito de multidão (Negri/Hardt, Lazzarato, Virno) e dos novos movimentos sociais. Mostra como os novos anjos se apropriam das NTIC e as usam para democratizar o conhecimento e a informação, produzindo uma nova figura de militância política.

4.1 Hermes múltiplo

“(...) o que opõe os anjos a Hermes é sobretudo sua multiplicidade, sua névoa, seus turbilhões, eu ia dizer, seu caos, de tal modo que o conjunto deles se aproxima disso. Nos retábulos de Roma, ora existem noventa e sete, ora centro e trinta e dois, ora doze, por esses números... pura multiplicidade.”⁷⁰

Serres afirma que sua obra está ligada às transformações na história do trabalho: a era dos "carregadores", na revolução agrícola, representada por Atlas e Hércules; a era dos "transformadores", na revolução industrial, representada por Vulcano e Prometeu; e, na revolução informacional (e uma revolução "pedagógica", em grande parte por se realizar), a era dos "mensageiros", anunciada por Hermes e pelos anjos que povoam as três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo, islamismo). Ele passa do personagem conceitual Hermes, que passeia em sua obra dos anos 60 até os 80, para o

⁷⁰ Serres, Michel Luzes pg 157

de Anjos, porque agora é necessária a multiplicidade como figura deste tempo midiático-informático. Segundo Maria Assad, o múltiplo começa a aparecer na obra de Serres a partir do Parasita e do Gênesis, livros do início da década de 80, e se torna:

"Serre's first powerful paradigm for chaos as the overwhelming characteristic of the evolution of nonlinear systems over time(...)the multiple as paradigm represents a significant stage in Serre's discourse, for it raises his approach to the topics he pursues from then on to a different level – one that appears to shift his writings into a mode that many critics call poetic(...)"⁷¹

Mas já o percebíamos antes, ainda na saga do Hermes, onde Serres diz que "o objeto do saber torna-se a multiplicidade como tal, uma distribuição(...)conjuntos infinitamente variáveis, espaços nos quais continuamos ainda a encontrar outros espaços; a multiplicidade caracteriza não somente o objeto de uma região, mas a região por si própria"(Hermes pg.117) ou "je ne suis pas un point fixé ici e maintenant, j'habite une multiplicité d'espaces, je vis une multiplicité de temps, toujours autre et toujours le même"(L'interférence pg.150)

Sobre isso, Deleuze e Guattari também têm algo a dizer, que nos ajuda a compreender Serres:

"é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo.(...)uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas(...)"⁷²

DG afirmam que as multiplicidades verdadeiras – não vinculadas ao uno ou ao todo, são as rizomáticas e não as arborescentes. Eles exemplificam com outras multiplicidades: na matemática de Riemann (multiplicidades dicretas e contínuas); em Meinong e Russel

⁷¹ Assad, Maria Language, non-linearity and the problem of evil

⁷² Deleuze, Gilles e Guattari, Felix Mil platôs 3 pg16

(multiplicidades de grandeza ou divisibilidade, e multiplicidades de distância, intensivas; em Bérson (multiplicidades extensas ou multiplicidades de duração). Multiplicidades divisíveis e molares, organizáveis e totalizáveis, conscientes ou pré-conscientes, por um lado e, por outro, as multiplicidades libidinais inconscientes, intensivas, moleculares, “que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando, passando umas nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém”(Mil Platôs 3 pg46) Ao que parece, o trabalho de Serres é com as multiplicidades moleculares. Trabalhando com as intensidades.

A tarefa do Hermes é atravessar a crescente enciclopédia, como diz Serres. E Ítalo Calvino considera que o conhecimento como multiplicidade é um fio que ata as obras maiores, tanto do modernismo como do pós-modernismo, e acrescenta:

“O que toma forma nos grandes romances do século XX é a idéia de uma enciclopédia aberta, adjetivo que certamente contradiz o substantivo enciclopédia, etimologicamente nascido da pretensão de exaurir o conhecimento do mundo encerrando-o num círculo. Hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltiplice.”⁷³

Serres, antes de transformar o múltiplo em paradigma, já mostrava a força do conceito que recobre o corpo do saber e do homem. Sua crítica consistente à lógica excludora do racionalismo cartesiano vem desde Hermes, seu estilo de escrita é que muda.

No estudo sobre Leibniz e no Hermes ainda existia uma forma próxima do que se convencionou chamar filosofia ou crítica. Mas, depois...

"Hoje, mais do que Hermes(...)a multiplicidade dos anjos.(...)A filosofia tradicional dispõe, geralmente de um deus central(...)minha filosofia se assemelharia em vez disso a um céu repleto de anjos(...)Esse é o transcendental ao qual eu me referia, o espaço-tempo dos arcanjos, a enorme nuvem, sem borda precisa, anjos que passam, uma grande turbulência de passagens. Um enxame. Talvez eu não tenha escrito outra coisa que não uma angelologia.”⁷⁴

⁷³ Calvino, Ítalo, op. cit. pg 131-132

⁷⁴ Serres, Michel op. cit. 155,156

“Uma História de Anjos”, publicado aqui em 1995, é classificado como um *ensaio sobre a comunicação*. É um diálogo filosófico entre um casal, um inspetor de companhia aérea, que nunca pára em lugar algum, sempre viajando, e uma enfermeira de aeroporto, que está sempre no mesmo lugar. Pantope, ele, e Pia, ela, amigos, encontram-se às vezes no Aeroporto de Paris e conversam. Nesta conversa eles falam de anjos. Começam a brincar com as idéias já estabelecidas sobre este conceito e daí, vão entrando em variações e aprofundamentos.

“Eu fiz dialogar um homem e uma mulher porque meu livro é também um livro sobre o amor, o que jamais ousara abordar. Mas quando se escreve sobre a comunicação, é preciso ter a coragem de ir até o fim: a verdadeira comunicação entre os homens é o amor.”⁷⁵

Um belo livro que começa com uma morte – um mendigo abandonado, um sem-teto abrigado no aeroporto, de nome arcangélico, Gabriel, morre. E termina com um nascimento, um casal de refugiados tem seu filho ali, Gabriel. Um livro que passa por todos os lugares, história, política, arte, filosofia, ciência. Como tudo passa pelo aeroporto. O aeroporto é o lugar da impermanência, mas é também o lugar dos (re)encontros. Uma figura do mundo contemporâneo, que é:

“um espaço atravessado por mensagens, o que existe de mais luminoso? Olhe o céu aqui mesmo acima de nós, atravessado por aviões, satélites artificiais, ondas eletromagnéticas, televisão, rádio, fax, correio eletrônico. O mundo no qual nos banhamos é um espaço-tempo da comunicação. Por que não falaria de espaço dos anjos, já que esta expressão significa os mensageiros, os conjuntos de fatores, de transmissões prestes a passar, ou os espaços dos passes?”⁷⁶

Como anjos, carregamos mensagens diretamente inscritas no corpo, já que tudo que somos pode ser lido como informação (DNA e suas bases nitrogenadas, zero e um na

⁷⁵ cit em Teixeira, , Ricardo Rodrigues Interface - comunicação, saúde, educação

⁷⁶ Serres, Michel Luzes pg 156

digitalização do conhecimento...). O trabalho contemporâneo, eminentemente imaterial, é, para Serres, uma prática angélica de colocarmo-nos em circulação pela rede global de informação.

Você sabe, por exemplo, que a todo momento há pelo menos um milhão de homens em vias de voar, acima da atmosfera, como que imóveis e suspensos, invariantes por meio de variações? Sim, vivemos no século dos anjos(...)A minha filosofia se assemelharia(...)a um céu repleto de anjos”⁷⁷

A sociedade contemporânea é entendida como a da informação ou "comunicacional", mas alguma coisa aconteceu e o que se vê é a proliferação de informação anódina. Tanta informação, entrando por todos os canais ininterruptamente, curiosamente produz não uma maior aporte de conhecimento e esclarecimento, uma maior lucidez, mas sim um entorpecimento, um tédio comunicacional, uma insensibilidade ao que nos rodeia já que " (...)para que algo transite melhor e mais depressa, é preciso que o conteúdo esteja no limite da transparência e da insignificância(...)A boa comunicação, isto é, o que hoje fundamenta a boa sociedade...passa pelo aniquilamento de seu conteúdo.”¹⁴

Sloterdijk chaga a afirmar que estamos no tempo dos anjos vazios ou do niilismo mediático, em que esquecemos qual a mensagem a ser enviada enquanto a transmissão se multiplica. "Isto é o mais deseangelizador nos tempos que correm"(Sloterdijk 1997). No entanto, e apesar disso, o anjo de Serres não é o anjo vazio de Sloterdijk ou de Muniz

Sodré:

“Na realidade volátil e etérea da telerealidade, tudo tende a apresentar-se como dado informativo, mensagem ou notícia. O medium é o aggelos(‘mensageiro’, em grego, de onde provém ‘anjo’)...O poder comunicacional é assim, claramente afim ao espírito místico da chamada New Age”⁷⁸

⁷⁷ id, ibid pg 156

⁷⁸ Sodré, Muniz Antropológica do Espelho pg 77

No entanto, ambos, Sodré e Serres, concordam que a utopia da comunicação como um espaço democrático, horizontal, de troca, compartilhamento, comunhão, pode ser pervertida pelos valores que a globalização neo-liberal escolheu para representá-la: poder e lucro. O controle sobre os meios de comunicação e a legislação sobre a rede informacional que as corporações querem criar é mais uma figura da exclusão e do mal, mais uma Estátua, que não permite outras lógicas e outros sentires: "No mundo das comunicações, o poder pertence aos mesmos que o enguiçam"(A Lenda dos Anjos pg. 104)

Em Serres há toda uma angelologia da comunicação. Ela comporta **Anjos** como mensageiros de todo tipo; **Querubins** como centrais distribuidoras, máquinas sociais e técnicas; **Potências, Tronos e Dominações** como os poderes; **Serafins** como os afetos; **Arcanjos** como os excluídos. Esta angelologia – não hierárquica, mas de multiplicidade qualitativa, envolve o humano, suas organizações, sua política, sua subjetividade, e o problema do mal:

“como é possível um mundo que tende ao angelismo com seus fluxos e mensagens(...)e que deveria resultar, por isso mesmo, na igualização, na perequação, numa mistura ao mesmo tempo homogênea e altamente diferenciada e, portanto na equidade, redundar, ao contrário, em mais bestialidade, mais falsos deuses e ódio diabólico, na constituição de escalas de poder e dominação mais destruidoras, em injustiça ainda mais cruel que todos os seus predecessores?”⁷⁹

Para Serres, nós nos tornamos os novos mestres do universo, e agora construímos um mundo quase universalmente miserável que se torna o dado básico, objetivo, de nosso futuro. E não sabemos o que fazer com isso. Serres diz que não depende mais de nós que tudo dependa de nós. E isso é bastante assustador, mas também desafiante.

⁷⁹ Serres, Michel A Lenda dos anjos pg 294

A partir dessa análise do nosso tempo e de nossa civilização, Serres aponta a possibilidade de uma escolha ética, de uma solução para o impasse. Para este pensador, a comunicação tem que se tornar o amor:“(...)nosso tempo, nossos espaços, nossos pensamentos e sentimentos, nossos atos colocam-se em relação a ele somente; só existe vida segundo ou seguindo o amor, só tocamos os outros e, talvez, nós mesmos no mais perto dele”(A Lenda dos Anjos pg 274)

Curiosamente, num texto falando também sobre anjos, o teólogo e educador brasileiro Rubem Alves, numa carta aberta a Roberto Marinho, publicada na Folha de São Paulo, propõe ao dono da Rede Globo que ele se torne um anjo, mas não um anjo qualquer: um anjo engravidante. É que Rubem crê ser possível através da mídia, num ato de amor, engravidar as pessoas com ‘paixões alegres’(como diria Spinoza):

“Anjos e televisões se parecem em virtude de sua ilimitada capacidade virtual: dentro dos dois moram e voam pombas sem número. (...)Anjos freqüentemente aparecem disfarçados de homens comuns. Veio-me, então, a idéia de que, talvez, o senhor pudesse ser um deles. O Anjo engravidou uma virgem pela palavra. A TV engravida por palavra e imagem. O senhor, dono da Globo, é muito mais potente que qualquer anjo. Anjos engravidam no varejo. O senhor pode engravidar no atacado. Já imaginou? Engravidar uma nação inteira?(...) Assim, se o senhor se transformasse em Anjo Engravidante, poderia ir pingando mínimas sementes nos mínimos intervalos dos programas, imagens daquelas coisas boas e belas, gestos, atitudes, pensamentos que seduziriam as pessoas a ir recriando o Paraíso neste nosso país. Criar fome de Paraíso...”⁸⁰

O que Rubem Alves sugere para uma mídia corporativa como a Rede Globo teria efeitos imediatos, já que esta é a única mídia que chega a 87% dos domicílios brasileiros. Mas este projeto não tem nenhuma relação com os objetivos da mídia corporativa. Ela tem outros interesses que não passam pela democratização da informação, pela participação ativa das audiências, pela educação e cidadania amplificada que poderia gerar.

⁸⁰ Alves, Rubem em Folha de São Paulo 17;02;1997 pg 3

Serres, num pequeno texto publicado em 1994, e que poderia servir de suplemento ao 'A Lenda dos Anjos', tenta pensar a nova materialidade da comunicação. As redes de comunicação dissolvem a abstração do par sujeito-objeto, fazendo da humanidade tanto sujeito quanto objeto de seu trabalho. Quando todos os lugares estão presentes num único lugar, efeitos das NTIC, o autor afirma que é possível tornar o mundo numa república global de utopia com uma distribuição igualitária de comunicação, e enfatiza os efeitos danosos da oligopolização dos meios de comunicação.

Essa democracia dos meios mais a resultante liberdade de expressão e produção de informação, para uma sociedade mais justa e inteligente, todos estes objetivos, quem procura cumprí-los, com todo o talento e usando todas as mídias que lhe caem nas mãos, são justamente os novos movimentos sociais, uma espécie de ativismo global que está juntando forças. Eles estão fazendo comunicação horizontal, eles estão criando uma Poética da Comunicação com seus atos comunicativos inteligentes. Como nos diz Henrique Antoun,

“para o ativismo resistir não é mais apenas sofrer a paixão do embate com o poder atual do Estado (...) Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente”⁸¹

E é aqui que quero conectar o conceito de anjos ao conceito de multidão. A multiplicidade dos anjos - "Massa de anjos, fervilhamento, multidões(...)Os anjos sobem e descem a imensa escada ou rio ao longo da qual se constrói, depois encarna, o Verbo, entre o rumor, a música, o anúncio e o diálogo, até a carne.(A Lenda dos Anjos pg. 295) - faz lembrar a multiplicidade da multidão, no modo como alguns pensadores contemporâneos a estão pensando (Negri, Hardt, Virno, Lazaratto).

⁸¹ Jornalismo e ativismo na hiper-mídia pg. 139

Vou ligar esta expressão ‘até a carne’ de Serres com a ‘carne’ de Artaud, Merleau-Ponty e Hardt. Para Artaud, a carne era a ligação direta entre o pensamento e a vida, a mente e o corpo, carne era a inseparabilidade. Para Ponty,

“the flesh is not matter nor ind, nor substance. In order to designate it we need the old and new term element, in the same sense as this term was used to speak of water, air, earth and fire, i.e., in the sense of a general thing – a sort of embodied principle that brings a style of being where is a fragment of being.”⁸²

Essa carne é a materialidade vital da existência. É nesse sentido que Negri declara que a primeira matéria da multidão é a carne. “Como a carne, a multidão é então pura potencialidade, força de vida informe e elemento do ser. Como a carne, a multidão é orientada para a plenitude da vida.”(Negri – Toward an Ontological Definition of Multitude)

Hoje, o conceito de multidão – vindo de Spinoza, passando por Simondon e Marx – se mostra como uma multiplicidade incomensurável, um universal concreto. Multidão é um ator social ativo, uma multiplicidade que age. Age de modo diverso da turba ou da plebe ou da massa. Ela é a responsável por sua auto-organização. Como nos diz Virno,

"para Simondon, contrariamente ao que afirma um sentido comum disforme, a vida de grupo é o momento de uma ulterior e mais complexa individuação. (...) a singularidade burila-se e alcança seu apogeu no atuar conjuntamente, na pluralidade de vozes; em uma palavra, na esfera pública.”⁸³ (Multidão e princípio de individuação)

⁸² in Negri, Toni Towards an Ontological Definition of Multitude

⁸³ Virno, Paolo Multidão e Princípio de Individuação

Individuação é diferente de individualização ou individualismo, que são processos homogeneizadores operados pelo sistema capitalista e suas máquinas reterritorializadoras. Individuação é um processo de singularização, de diferenciação. Para deixar mais inteligível esse paradoxo de colocar a multidão ao lado de uma maior singularização – porque estamos acostumados a, pelo senso comum, identificar multidão com o indiferenciado sem vontade - vou trazer para a discussão a pequena multidão que é a amizade. C.S.Lewis, em seu livro sobre os quatro amores, fala do amor 'fileo' e o que acontece com nossa individuação num círculo de amigos. Ele diz que notamos isso de modo mais contundente quando um deles morre. Lewis diz que fica claro que o que se perde não é apenas o amigo, mas com o amigo vai também aquilo de mim que só ele fazia vir à tona, e aquilo de cada membro do grupo que só poderia emergir na relação afetiva com aquele que se foi e na conjunção entre os que ficaram e ele. Multidão aqui é potenciação, ação da vontade de potência, diferenciação qualitativa, multiplicidade. Como na batalha de Seattle ou Gênova nas manifestações do movimento antiglobalização que pararam a cidade e a OMC, ou nos *cacerolazos* argentinos de 2001 que derrubaram o poder; como na criação do Linux, onde mais de 400 mil trabalhadores imateriais – entre técnicos, hackers, curiosos – desenvolveram o melhor sistema operacional ligado às leis da democracia na rede (software livre, open source, copy-left).

Acabo de dar exemplos da política da multidão – a capacidade de resistir ao poder do capital, e do trabalho da multidão – a capacidade cooperativa, produtiva e inventora que agrega. Trabalho e política da multidão tendem a coincidir.

"A multidão aparece como conceito de uma potência: ela é a condição e uma nova potência produtiva baseada na produção de 'mais ser'. Essa potência não quer penas se expandir, ela pretende sobretudo construir um corpo: o elemento

*constitutivo da multidão é a carne (...)a substância viva e comum na qual corpo e intelecto coincidem.*¹⁸⁴

Uma Poética da Comunicação é justamente a utilização dos conceitos que estão à disposição para constituir práticas biopsicossociais que engendrem o novo. Os conceitos serresianos e certos conceitos outros, em sua deriva, nos ajudam a compreender a centralidade da comunicação no momento contemporâneo e a querer transformá-la em fraternidade, igualdade, liberdade.

*"Se a comunicação se torna cada vez mais o tecido da produção, e se a cooperação linguística se torna cada vez mais a estrutura da corporalidade produtiva, então o controle do sentido e do significado linguístico e das redes de comunicação constituem uma questão cada vez mais central para a luta política"*¹⁸⁵

Vem daí a necessidade de se apropriar das redes de comunicação para fazê-las ressoar valores mais libertários e fraternos que os da globalização corporativa ou do Mercado. É exatamente isso que certos coletivos estão fazendo neste momento. Estão conjugando inteligência e ativismo por um outro mundo, outra ordem mundial. Segundo Negri e Lazzarato, a unidade do político, do econômico e do social se determina na comunicação: é no interior dessa unidade, pensada e vivida, que os processos revolucionários podem hoje ser conceituados e ativados.

4.2 Miríade e multidão: os movimentos sociais

"(...)o desafio é encontrar, para a mídia, uma forma de organização que represente um caminho alternativo, que escape da influência colonizadora do poder e da moeda e se abra como espaço multifacetado de manifestação das forças sociais."
(Luis Filipe Miguel – *As novas tecnologias e a democratização da informação*)

⁸⁴ Negri, Toni e Cocco, Giuseppe O trabalho da multidão e o êxodo constituinte in O Trabalho da multidão pg 22

⁸⁵ Hardt, Michael e Negri, Toni Império pg 428

“anjos sobre Berlim o mundo desde o fim e no entanto era um sim e foi e era e é e será sim” (Caetano Veloso – Os Novos Românticos)

Este novo ativismo que acontece e que recupera o espaço público e civil da política, está usando, cada vez melhor, todos os equipamentos tecnológicos que a nossa era da informação oferece para aumentar o espectro da democracia – uma democracia não meramente ‘representativa’ (em crise evidente e grave), mas uma democracia participativa. Esse ativismo fez acontecer uma coalizão de forças que antes nem se juntavam para conversar. Todos estão querendo mostrar um outro mundo possível, que não este da exclusão global, de $\frac{3}{4}$ da população do mundo, aos benefícios da civilização ocidental.

“O que o movimento antiglobalização está demonstrando é que as lutas sociais voltaram à cena internacional como fonte de pressão por mudanças que levem a transformações do modelo civilizatório em curso. Ele foi gerado pelo próprio sistema a que se contrapõe: a globalização capitalista.(...)A novidade no movimento antiglobalização é que ele está unindo, sem apagar as diferenças, num campo de ação comum, grupos políticos e tribos culturais que até então nem sequer se sentavam juntos para dialogar, ou seja, o movimento antiglobalização é, em si, um novo ator sociopolítico”⁸⁶

Ativismo que, segundo Antonio Negri e Michael Hardt, é

“uma atividade positiva, construtiva e inovadora(...)a resistência está imediatamente ligada a uma participação vital e inevitável no conjunto das estruturas sociais e à formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade. Essa militância faz da resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor.”⁸⁷

Estamos descobrindo, como Serres, que comunicação é amor. Grupos como os da luta anti-globalização ou da anti-publicidade, ou outros coletivos inimagináveis pouco tempo atrás, inventam um outra comunicação para um outro mundo, visando uma outra globalização.

⁸⁶ Gohn, Maria da Glória De Seattle a Gênova FSP Cadeno Mais! 27/01/2002

⁸⁷ Hardt, Michael e Negri, Toni op. cit. pg 437

“como formular uma nova teoria política que dê conta dos novos coletivos... Se é o coletivo que mudou... Percebe? Esta nova coletividade... O conjunto das mulheres no planeta que tiveram câncer de mama não era um coletivo imaginável há seis anos. É um novo coletivo. E eu acredito que muitos conceitos como a representação por um deputado etc. devem ser re-retomados, re-refletidos e mesmo uma política em tempo real, isto é, o processo de decisão etc., tudo deve ser repensado em virtude das novas tecnologias”⁸⁸

Estes grupos não são contra a globalização, mas contra este modelo neoliberal de globalização: “queremos globalizar a proteção ambiental, os padrões de trabalho e qualidade de vida decente para todos os seres humanos”²⁷ E também estão questionando as nossas atuais democracias e suas formas de representação.

Alguns destes movimentos usam o nome de **Mídia Tática** para as intervenções e ações que realizam com o objetivo de chacoalhar o entorno social e engajar as pessoas na luta por mais democracia, mais participação, mais ética, mais ecologia, mais igualdade no mundo:

“Mídia Tática é um conceito que se firmou nos anos 90, fruto de práticas de ativistas de mídia e festivais de novas mídias na Europa e nos EUA. Seu fundamento básico é a produção “faça-você-mesmo”(...)Desvinculada de interesses de mercado e de agendas ideológicas associadas aos grandes meios de comunicação, a mídia tática dá voz a todos aqueles excluídos desses meios: classes desfavorecidas, minorias (raciais, sexuais, etc.), comunidades alternativas, dissidentes políticos e artistas de rua, entre outros(...) vai da reutilização de mídias tradicionais como tv, rádio, vídeo, meio impresso e artes em geral, a web sites, produção de softwares e todo tipo de mídia eletrônica, incluindo igualmente, se for o caso, performance, djs e teatro de rua. Rua = esfera pública alternativa que permite uma maior interação entre obra e audiência. Mídia como entendimento de seu próprio potencial criativo, e a conscientização como um processo crítico contra a hegemonia deformadora.”⁸⁹

Escolhi alguns casos para dar maior clareza ao que significa este novo momento. O primeiro exemplo, porque talvez tenha sido aquele movimento que iniciou a diferença, é o Exercito Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Depois, em certo sentido derivando dele, o Indymedia – Centro de Mídia Independente, forjado para acompanhar e cobrir os eventos da batalha de Seattle, em 1999, que se amplificou e existe em mais de 80 países

⁸⁸ Serres, Michel Novas Tecnologias e sociedade pedagógica

⁸⁹ Rosas, Ricardo e Wells, Tatiana Que venha a mídia tática

hoje, incluindo vários centros no Brasil. Como terceiro exemplo, vamos discutir o ‘culture jamming’, os ‘bagunçadores de cultura’, que usam de tudo um pouco e inclusive as neotecnologias para, em suas ações, para desmontar o discurso do capitalismo mundial integrado. E, como quarto exemplo, o movimento do Software Livre, para demonstrar a criação inovadora de soluções e valores para um outro mundo possível.

4.2.1 O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)

“As aldeias indígenas das quais surgiram os zapatistas mal tinham acesso a linhas telefônicas, menos ainda a computadores. Muitos dos zapatistas não falavam espanhol e a maioria nem mesmo sabia ler, quanto mais operar tecnologias avançadas em seu proveito. (...) No entanto, sua presença na Internet tornou-se um dos principais exemplos de ativismo on-line bem sucedido.”⁹⁰

Chiapas 1993, México. Enquanto políticos estão celebrando a entrada do país no primeiro mundo, graças à integração do México ao Nafta (Acordo de livre comércio da América do Norte), quatro cidades do distrito de Chiapas têm seus gabinetes municipais e delegacias invadidas e controladas por um exército de índios. Na noite da véspera de ano-novo, o EZLN declara guerra ao governo mexicano. Os zapatistas afirmavam, na Declaração da Floresta Lacandona, primeira manifestação pública, que o movimento representava a luta por autonomia, igualdade e liberdade dos povos indígenas, que exigiam direitos básicos como trabalho, terra, moradia, alimentação, saúde, educação, entre outros.

O jornal La Jornada conseguiu cópia da declaração e a disponibilizou *on-line* na cidade do México. Traduzida, em poucas horas chegou ao mundo todo via Internet, trazendo o engajamento e simpatia de jornalistas, ativistas, acadêmicos, defensores de direitos humanos em todo lugar.

⁹⁰ Downing, John D. H. Mídia Radical pg 305

Com essa estratégia, o EZLN conseguiu quebrar o monopólio informativo do governo do México, que controla o país política e economicamente, desde 1929(!), com o mesmo partido (PRI – Partido Revolucionario Institucional) tendo a ajuda da Televisa, rede nacional de Tv que conta com 90% da audiência do povo mexicano.

Desde o início, O EZLN teve uma estratégia de comunicação que tentava garantir às suas ações a atenção imediata, por meio da publicação de suas declarações na mídia impressa e eletrônica. Num segundo momento, começaram a convidar pessoas de expressão para visitar as comunidades zapatistas também para chamar a atenção da mídia. Eles inspiraram o desenvolvimento de uma rede de comunicação radical, que foi reunindo os ativistas sociais e políticos aos hackers, que desembocou na organização do movimento contra a OMC em 1999, em Seattle, que criou o Indymedia.

O EZLN juntava os excluídos do discurso hegemônico por várias questões: gênero, posição social, valores culturais, raça. Funcionava como uma ágora de inclusão social impressionante. O movimento acreditava, e acredita, que o diálogo é veículo fundamental para a ação política. Os zapatistas também não têm líder, nem mandatos oficiais. Tem a figura de um sub-comandante, que sub-comanda, rosto encapuzado, só os olhos à mostra. Têm as falas anônimas deste que são estes ou aqueles, que é alguém ou ninguém ou todos.

“No teníamos palabra. No teníamos rostro. No teníamos nombre. No teníamos mañana. Nosotros no existíamos(...)Detrás de nuestro rostro negro. Detrás de nuestra voz armada. Detrás de nuestro innombrable nombre. Detrás de los nosotros que ustedes veen. Detrás estamos ustedes”⁹¹

Têm um exército, mas este não ocupa posição de poder estratégico, tendo de prestar contas aos grupos indígenas que tomam as decisões. Tudo é decidido num processo aberto e participativo.

“Esse processo de construir a comunidade através de um exercício dialógico intercultural foi a estratégia mais poderosa empregada pelo EZLN para assegurar

⁹¹ Bentes, Ivana Imagem, pensamento e resistência em O Trabalho da Multidão pg 89

sua resistência, unificação e sobrevivência. Sua maior força estava em sua habilidade de empenhar-se nesse esforço constante e criativo, não só em suas próprias comunidades mas também em outro espaço, um reino virtual construído pela utilização radical de tecnologias de comunicação universais”⁹²

Para se ter uma idéia, já em janeiro de 1994, várias listas de discussão começaram a distribuir informes sobre a luta em Chiapas. Era a maneira de informar de modo diferente e menos mentiroso daquele da mídia mexicana e norte-americana. Depois, foram aparecendo páginas de Internet, onde universidades e fundações disponibilizavam discussões sobre a questão mexicana em seus *sites*. Pessoas também começaram a construir *sites* específicos coletando todo o material dos Zapatistas, como suas Declarações e disponibilizando, além de fazerem *clippings* de tudo o que saía na imprensa sobre o movimento.

A Internet fez com que os protestos internacionais contra os ataques militares às comunidades zapatistas acontecessem logo no início do movimento, e criou formas de política inovadoras, através desse diálogo internacional, intercultural e radical.

4.3.2 O Indymedia/CMI

“Indymedia is a collective of independent media organizations and hundreds of journalists, offering grassroots, non-corporate coverage. Indymedia is a democratic media outlet for the creation of radical accurate and passionate tellings of truth. We work out of a love and inspiration for people who continue to work for a better world, despite corporate medias’ distortions and unwillingness to cover the efforts to free humanity”⁹³

“Don’t hate the media, be the media”. Essa frase cunhada pelo punk ex-Dead Kennedys, Jello Biafra, sintetiza a visão do Centro de Mídia Independente. Criado em 1999, para cobrir minuto a minuto todos os eventos da manifestação contra a OMC (Organização Mundial do Comércio), reuniu dezenas de colaboradores anônimos que

⁹² Downing, John D. H. op. cit. pg 297

⁹³ <http://indymedia.org/about.php3>

ligavam suas câmeras a laptops, usavam celulares como walkie-talkie, filmavam as ações e transmitiam de cibercafês, para desmentir a cobertura da mídia corporativa que dizia que nada estava acontecendo.

O uso de um sistema de edição chamado *open-publishing*, onde qualquer um pode produzir sua matéria e publicá-la no site do Indymedia, aliado ao *copyleft*, que possibilita a reprodução da informação - texto/foto/ilustração/vídeo/som, desde que citada a fonte e respeitada a integridade do material, faz do Centro de Mídia Independente uma coisa realmente nova acontecendo no mundo jornalístico, e na maneira de utilizar a mídia.

“A nova mídia desenvolve sua cobertura como um documentário ficcional cujo roteiro vai sendo escrito através das fabulações narradas pelos próprios participantes. Se ela pode abandonar a isenção jornalística e permanecer veraz, deve ser porque sua evidente adesão ao acontecimento se faz para proveito do jornalismo”⁹⁴

Seus colaboradores, através desse trabalho, puderam dar uma idéia muito mais real do que aconteceu entre os dias 28 de novembro e 3 de dezembro de 1999. A chamada “batalha de Seattle” reuniu mais de 50 mil manifestantes do mundo todo contra o FMI, o Banco Mundial e a OMC. Usando o material coletado, o Indymedia produziu documentários, que eram distribuídos via satélite ou vendidos como vídeos; produziu um jornal em PDF, para ser impresso e espalhado pelas comunidades em que o acesso à Internet era escasso; seus áudios se espalharam pelas rádios da Internet. E o CMI começou a aparecer como referência, depois de mais de dois milhões de conexões feitas, nos sites de busca AOL, Yahoo, CNN, etc.

“A nova mídia não é um meio de vida, como eram os velhos locais de trabalho e as antigas profissões. A nova mídia é um meio para viver, um meio onde o tempo do trabalho não se contrapõe mais ao tempo da vida, um meio onde o trabalho vivo

⁹⁴ Antoun, Henrique Jornalismo e ativismo na hipermídia rev. Famecos dez 2001 pg 139

determina o trabalho “morto” e onde o movimento vivo de cada participante constitui o espaço vital da atividade comunitária”⁹⁵

E depois disso, a lição é que era preciso espalhar-se, criar novos centros em todo lugar, privilegiar e disponibilizar informações sobre os movimentos sociais, movimentos sindicais, movimentos de minorias, movimento ecológico, que são relegados a décimo plano pela mídia ‘normal’. Hoje são mais de cem Centros espalhados pelo mundo, presentes em todos os continentes. Todos trabalhando pela construção de um mundo mais informado, mais democrático, mais crítico, mais pró-ativo.

“A proposta é a criação de um ambiente através do qual possamos coordenar, batalhar e, esperançosamente, ganhar a guerra de idéias(...)A netwar, guerra em rede, a efetivação de conflitos sociais, políticos e econômicos no âmbito da informação abriu um novo terreno pelo qual a luta contra o poder hegemônico na sociedade é efetivada(...)Indymedia é um veículo através do qual a base ideológica das atuais estruturas de poder pode ser subvertida”⁹⁶

4.3.3 O “Culture Jamming”

*“Os movimentos sociais são prenes de diferenças e de contradições, o que constitui justamente a sua riqueza. Ou seja, sua riqueza é seu caráter de multidão, onde há a convivência de muitas diferenças(...)A complexidade desses movimentos não pode ser reduzida arbitrariamente, num movimento que pretende transformar a multidão em povo, impondo, para tanto, uma linguagem, um imaginário, uma forma de representação política.” **Coletivo Wu Ming**³⁵*

“Culture jamming”, que pode ser bem mal traduzido por bagunçadores ou misturadores da cultura, foi um termo criado em 1984 pela banda de áudiocolagem Negativland, de São Francisco. O trabalho dos ativistas que trabalham nisso é lidar com as estruturas imaginárias e ideológicas na publicidade, considerada por eles invasiva demais. Segundo os *culture jammers* é preciso recuperar o espaço público tomado pela onipresença da publicidade em cinemas, praças, avenidas, ruas. Suas ações misturam

⁹⁵ id, ibid pg 141

⁹⁶ Henshaw-Plath, Evan Reflexões aleatórias a respeito da rede indymedia e mídia tática rev. Play 5 set/2002 pg 28

grafite, arte moderna, filosofia punk (D.I.Y. do it yourself, ‘faça você mesmo’), teatro de rua, performances numa única embalagem. Há grupos que fazem isso desde a década de 80 (como o Billboard Liberation Front, de S. Francisco, ou o BUG-UP, Billboard Utiling Graffitis Against Unhealthy Promotions, m Sidney). Podemos também lembrar dos situacionistas na década de 60, ou Guy Debord cunhando o *detournement*, o desvio do contexto de uma imagem, mensagem ou artefato para criar um novo sentido.

A diferença fundamental entre as experiências anteriores e o *culture jamming* de meados da década de 90 é que o trabalho destes ativistas ataca eminentemente a ideologia do consumo ilimitado e as mensagens da publicidade ou de outros discursos corporativos. São ácidas críticas políticas criadas pelos ativistas que atingem as corporações no bolso, porque as campanhas publicitárias, modificadas pelos ativistas, ficam ali expostas trabalhando contra a publicidade institucional.

Exemplos podem ser dados com campanhas de cigarro da Camel, em que os ativistas transformam o camelo de nome Joe Camel em Joe Chemo (de chemistry, química, numa alusão ao câncer e à quimioterapia que os fumantes podem precisar), onde o camelo aparece preso a uma máquina de quimioterapia. Ou o artista Jubal Brown, de Toronto/Canadá, que ensinou equipes a alterarem os rostos de modelos em outdoors para caveiras usando um marcador acentuando olheiras e emagrecimento do rosto e um zíper nas bocas. No dia 1º de Abril de 1997, eles atacaram centenas de outdoors pela cidade inteira. Gap, Nike, Thomas Hillfinger, todas as grandes foram atingidas. E isso foi publicado na Adbusters(algo como ‘caçadores de publicidade’), a revista de uma ONG do mesmo nome que se especializa no movimento anti-publicidade. Essa prática se espalhou então por cidades dos Estados Unidos e Europa.

Para estes militantes, hoje, objetivamente, as corporações têm mais poder do que o Estado, daí a necessidade de centrar fogo no que elas querem induzir o público a pensar.

Tim Bissell, ativista de direitos trabalhistas diz o seguinte:

“Existem algumas corporações que divulgam a si mesmas de forma tão agressiva, pretendendo imprimir sua imagem em tudo e em toda a rua que criam uma reserva de ressentimento entre as pessoas pensantes. As pessoas se ressentem da destruição da cultura e sua substituição por esses logos e slogans corporativos de massa. Isso representa uma espécie de fascismo cultural.”⁹⁷

Estes ativistas, que batalham por uma ecologia do espaço urbano, não fazem apenas *culture jamming*, participando também de manifestações contra a OMC ou o FMI, das passeatas do ‘Regain the Streets’ (Resgate as Ruas), etc. Tudo faz parte de uma atitude política de um movimento muito maior para atacar a ideologia do mercado, os valores do neoliberalismo impostos pelo Capitalismo Mundial Integrado.

Outra manifestação interessante é a dos coletivos de criação, como o Projeto Luther Blissett (1994-99), que se tornou o coletivo **wu ming**, reunindo Roberto Bui, Giovanni Cattabriga, Luca Di Meo, Federico Guglielmi (autores em comum do romance “Q, O Caçador de Hereges”) e Ricardo Pedrini. O nome escolhido significa ‘sem nome’ em chinês e designa as produções dissidentes lá. Eles atacam a idéia de autoria e direito autoral. Todas as produções do coletivo são *copyleft*. Eles se aproximam, na literatura, da linhagem dos programadores que trabalham com o “open source” e o software livre.

O trabalho do **wu ming** é imaterial, trata de gerar novos modos de narrar novas histórias para essa nova época. Eles acreditam que é preciso dar linguagem a toda essa diversidade dos movimentos sociais contemporâneos:

“Nós acreditamos que a cultura que está se desenvolvendo hoje, graças às novas tecnologias, é mais semelhante à cultura que produziu a Iliada, a Odisséia, a Bíblia, etc., que à cultura industrial do século XX, descrita criticamente pela

⁹⁷ Klein, Naomi Sem Logo pg 315

Escola de Frankfurt. Neste contexto, achamos que há uma tarefa muito semelhante àquela colocada para os artistas do período renascentista: encontrar uma linguagem que expresse a dimensão do imaginário que leve em conta essas transformações. Essa é uma das razões pelas quais, por exemplo, estamos muito interessados no fenômeno da literatura brasileira de cordel, uma manifestação de cultura popular horizontal, desde baixo, reticular e difusa¹⁹⁸

Curioso eles usarem justamente uma produção brasileira de cultura popular para fundamentar o que eles procuram criar na esfera da cultura globalizada e digital. É uma tradição do nosso melhor na cultura, o modernismo com a antropofagia, o cinema novo com o universal e o nacional, o tropicalismo com a mistura da cultura popular com a de massa, que se metamorfoseia no manguê beat...

4.4 O Movimento do Software Livre



Este movimento, na minha opinião, é aquele que representa de maneira mais clara a gramática e o léxico novos da multidão, dos coletivos inteligentes, da criação comunitária de soluções para um outro mundo mais justo e pacífico. As palavras ou expressões que vamos ver aqui são valores, valores éticos transformados em práxis detonadora de objetos e comportamentos. Software livre, open source, copyleft, GNU, Linux, GPL. Todos democratizam informação e conhecimento, ampliam a qualidade no trabalho e na vida de todos, fazem a multidão funcionar.

⁹⁸ Weissheimer, Marco Aurélio Projeto wu ming Em busca de uma nova linguagem para a ação política

Tudo começou no MIT (Massachusetts Institute of Technology), onde Richard Stallman trabalhava com Inteligência Artificial. O laboratório comprara uma impressora rapidíssima, que adiantava em muito o trabalho e entusiasmou os técnicos. Até que começou a, repetidamente, mastigar algumas folhas de trabalho, sem aviso prévio, sem razão aparente. Stallman decidiu resolver o problema que irritava a todos e ligou para o fabricante solicitando o código-fonte (seqüência de instruções do software) para poder melhorar o programa. O código lhe foi negado, com a empresa alegando razões comerciais. Stallman então percebeu a estupidez da propriedade intelectual e dos direitos autorais no caso específico da indústria da automação. Ele começou a sonhar com uma nova ordem no mundo informático, onde ninguém pudesse se apropriar do código e todos pudessem modificá-lo como quisessem e melhorá-lo o quanto conseguissem.

Começou a criar então um sistema operacional baseado no Unix, pois assim todos que o utilizassem poderiam migrar para o novo. Conseguiu isso em 1984, e deu-lhe o nome de GNU, que significa ‘GNU is Not Unix’. O projeto GNU é o começo do Movimento do Software Livre, fundado por Stallman. Este foi o primeiro software denominado ‘livre’, não significando ‘grátis’, mas compondo-se de quatro níveis de liberdade:

1. liberdade para executar o programa;
2. liberdade para modificar o programa e adaptá-lo às próprias necessidades;
3. liberdade de redistribuir cópias, gratuitas ou taxadas
4. liberdade de distribuir versões modificadas para que toda a comunidade possa aproveitar as melhorias.

A segunda liberdade diz respeito ao código fonte aberto (open source) que permite as modificações. Nessa época Stallman, que saíra do MIT para que este não pudesse se apropriar do seu invento, cobrava cento e cinquenta dólares pela remessa pelo correio do

código fonte para as pessoas que queriam usá-lo. Mas ele rapidamente se espalhou pela rede, tornando-se popular. Para evitar a apropriação por pessoas ou empresas ele criou o conceito genial de *copyleft*. O símbolo que abre o capítulo é do copyleft, que significa várias coisas: ‘deixar copiar’; left como um direito esquerdo(diferente), não-autoral; a frase que se conjuga ao símbolo – all rights reversed, “todos os direitos revertidos” ao invés de todos os direitos reservados (reserved); o ícone gráfico é o espelhamento do símbolo do copyright, o avesso do direito autoral. Criatividade que alegra e inventa democracia de alta intensidade na rede.

O copyleft conserva os quatro níveis de liberdade, mas:

um “não lhe damos permissão para somar restrições de sua propriedade. Deste modo, as liberdades cruciais que definem o ‘ software livre ’ são garantidos a qualquer que tenha uma cópia; eles tornam-se direitos inalienáveis. Para um copyleft efetivo, as versões modificadas também devem ser livres. Isso assegura que todo o trabalho baseado no nosso fique disponível para a comunidade, se for publicado ”⁹⁹(Stallman cit. Malini 164)

E não existe brecha legal para permitir a combinação de um software livre e um proprietário. Se o software livre for usado para modificar um proprietário, a versão final tem que ser *copyleft*, obrigatoriamente. Em 1995 Stallman funda a FSF (Free Software Foundation), que hoje protege o sistema operacional Linux, o software para servidores Apache(80% o usam na net), o mais importante programa de banco de dados MySQL, e o controle do código do browser Navigator, da Netscape.

O GNU/Linux é a realização do sonho de Stallman. Linus Torvald conseguiu, em 1992, compilar todos os programas do projeto GNU em um núcleo central (kernel) que viabilizou o sistema operacional. Ele deu o nome ao seu invento de Linux (Linus for Unix)

⁹⁹ Stallman, Richard cit em Malini, Fabio (Tecnologias da) Resistência das Tecnologias: A liberdade como núcleo da cooperação produtiva em O Trabalho da Multidão pg 164

“Um sistema operacional não é só um kernel, executando basicamente outros programas. Nos anos setenta, todo sistema operacional merecedor de ser chamado assim incluía processadores de comandos, montadores, compiladores, interpretadores, depuradores, editores de texto, programas de correio e muito mais(...)”¹⁰⁰

O GNU/Linux é exatamente isso que Stallamn pretendia. Ele contou com a cooperação de mais de 400 mil desenvolvedores espalhados por 5 continentes e 90 países. Em breve o envolvimento será de um milhão de pessoas. Isto é o trabalho da multidão, isto é um coletivo inteligente. E a GPL – a Licença Pública Geral, suporte jurídico simples e perfeito – que especifica minuciosamente os usos do *copyleft*, garante a democracia e a democratização do que sai e do que entra na comunidade.

Sobre Um Velho Tema(Duda Machado)

A interrogação que, ao descobrir

¹⁰⁰ id, ibid pg 162

Sua ânsia pela resposta,

Atravessa o silêncio

E, refeita, retorna ao início

Para indagar a si mesma.

A resposta que, a caminho de

Estar pronta, refaz em silêncio

A distância que impôs à pergunta

E, de volta, injeta em si mesma

Uma sintaxe interrogativa.

5. Ficção Científica Realizada

O que encontramos em Serres, e ao que o título do capítulo remete, é que seu estilo de escrever – usando fábulas, mitos, o tempo estampado, as sínteses surpreendentes, é uma nova maneira de pensar os vínculos da vida. Depois das separações advindas do Iluminismo e da época moderna, unir o que estava separado, de maneira criativa e inusitada é o trabalho

para quem quiser antecipar-se e viver o agora. Sim, porque parece que sempre estamos defasados na análise daquilo que vivemos.

Juntar as ciências exatas às humanas significa realizar uma nova ciência, uma Ciência da Comunicação no sentido mais exaustivo que isso possa ter. Uma ciência que se abra às interferências e trânsitos entre as disciplinas, uma ciência das conexões e dos acoplamentos, das conjunções e preposições.

Serres escreve ficção, narrativas, conta histórias que explicam o mundo e o homem. Serres escreve ficção com o conhecimento do substrato científico, porque esteve no mundo da ciência. Sua ficção é científica como um oxímoro realizado: ao compreender sua errância, suas passagens, fica-se sabendo mais ciência e mais literatura, mesmo tendo sido doutrinados a crer que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, como dizia o ‘filósofo popular’.

Serres projeta com seu trabalho a possibilidade de uma outra comunicação, porque é tão amplificada e abrangente que confunde nosso campo. Temos entendido ciências da comunicação como o campo dos processos comunicacionais em sentido estrito, vinculado ao mundo da cultura com a comunicação de massa e as novas tecnologias. Sua forma de relacionar comunicação e cultura, ciência e filosofia, natureza e sociedade, individual e coletivo, real e virtual, impõe a necessidade de perder os medos da absoluta falta de objeto de nosso atual campo e ‘entrar de cabeça’ neste momento que é o da mestiçagem. Essa outra *episteme* que Serres nos apresenta dá uma nova direção e uma serenidade à nossa pesquisa em comunicação.

Como brasileiros, isso pode ser mais simples e direto – temos a experiência biopsicossocial disso, somos inclassificáveis, como diria Arnaldo Antunes – nem branco, nem preto, nem índio: ciganagôs, judárabes, guaranisseis. Trazer essa riqueza multiétnica e

cultural para nossa pesquisa acadêmica e científica é um desafio saboroso como nossa comida misturada.

Em sentido prático, sua ação pessoal em prol do conhecimento, apoiando projetos como o software das Árvores de Conhecimento ou seu envolvimento há mais de dez anos com a Universidade Aberta na França; seu apoio ao espaço desregulamentado, não-controlado da internet, mostram que ele percebe o potencial democrático e democratizador das NTIC, potencial que os movimentos sociais estão utilizando para criar democracia de alta intensidade, nos exemplos citados no trabalho e em muitas outras experiências.

Claro que sabemos dos riscos que a Internet produz. Sites neonazistas, de extrema-direita, de extrema-esquerda, de pornografia infantil, todo tipo de aberração. Porque é livre. Aliás, já houve algumas tentativas de controle pela administração Clinton. Uma das mais famosas, e que convém lembrar aqui foi a lei de controle da pornografia infantil, de 1996:

“En una sentencia célebre, de 1996, el Tribunal Federal del Distrito Este de Pensilvania reconoció que Internet es un caos, pero afirmó, textualmente: “La ausencia de regulación gubernativa de los contenidos de Internet ha producido, incuestionablemente, una especie de caos, pero lo que ha hecho de Internet un éxito es el caos que representa. La fuerza de Internet es ese caos. De la misma forma que la fuerza de Internet es el caos, la fuerza de nuestra libertad depende del caos y de la cacofonía de la expresión sin trabas que protege la Primera Enmienda. Por estas razones, sin dudarlo, considero que la Ley de Decencia en las Comunicaciones es prima facie inconstitucional.” Así se protegió una libertad amenazada por una Administración que, pese a sus declaraciones en favor de Internet, siempre desconfió, como la mayoría de los gobiernos, de la libre expresión y autoorganización de los ciudadanos”¹⁰¹

Esta sentença confirma que é preciso acreditar na potência da multidão, na criatividade e força dos movimentos sociais para gerar um contrapoder que desequilibre o atual estado de coisas. E tudo isso pelo pensamento e ação diferenciados em comunicação, quer dizer, comunicando-se. Hakim Bey, pensador sem rosto, que desconfiam ser um

¹⁰¹ Castells, Manoel Internet, liberdade e sociedade – uma perspectiva analítica

americano que viveu no Irã na década de 70, fala sobre as necessidades, neste momento do movimento anti-globalização:

“O que significa isso tudo em termos de estratégia possível – ou até tática – ‘depois de Seattle’, etc, etc? De que forma esta ‘espera por um sinal’ se relaciona com a luta contra a OMC, o FMI, o World Bank, o NAFTA, o GATT, as grandes corporações, os superfundos, para não mencionar os velhos inimigos de sempre, como governos e exércitos, e novos e ambíguos inimigos, como as ONGs? Eu gostaria de fazer um apelo à teoria, o que de modo algum implica ideologia. “Theoria” originalmente significa “visão” e inclui tanto vista como ‘experiência visionária’”¹⁰²

Portanto é preciso uma teoria que seja “experiência visionária”. Um poética da comunicação, que pensa diferente para produzir diferença. Para dar conta dos desafios que se colocam àqueles que querem mudança, equidade, justiça, paz, neste momento histórico.

“Construir conceitos significa fazer existir, na realidade, um projeto que é uma comunidade. Não existe outra maneira de construir conceitos que não seja trabalhando de uma forma comum. Esta comunalidade é, do ponto de vista da fenomenologia da produção, do ponto de vista da epistemologia do conceito e do ponto de vista da prática, um projeto no qual a multidão está completamente empenhada. Os bens comuns são a encarnação, a produção e a liberação da multidão. Disse Rousseau que a primeira pessoa que desejou um pedaço da natureza como sua possessão exclusiva, e a transformou na forma transcendente da propriedade privada, foi quem inventou o mal. O bem, ao contrário, é aquilo que é de todos.”¹⁰³

Os exemplos escolhidos dão uma pálida idéia da criatividade e diversidade de ações que os movimentos sociais tem possibilitado. Essa potência de criação, essa vitalidade é um dado que vai continuar produzindo incômodo, alimentando a revolta da multidão para a produção de um outro mundo possível. Talvez como o planeta dos Teletubbies.

A série Teletubbies foi criada para a criança moderna que cresce em um ambiente repleto de ferramentas tecnológicas. Os personagens são quatro alienígenas, mas retomando

¹⁰² Bey, Hakim Batalha Espiritual

¹⁰³ Hardt, Michael e Negri, Toni pg 323,324

as lições do primeiro doce ET, e ignorando oitavos passageiros. Bebês *aliens* com um suplemento: possuem telas de televisão no próprio corpo, por onde recebem mensagens. Recebem-nas ao ar livre, quando um cata-vento ou moinho quixotesco começa a rodar. As mensagens vêm com o vento, no vento.

O vento é *ruah* no hebraico, *pneuma* no grego— o espírito para nós ocidentais. Os teletubbies recebem o influxo do espírito e então se comunicam com outros em outros lugares e línguas, formam uma comunidade universal de crianças compartilhando as descobertas do mundo. Pequenas descobertas, num ritmo lento e repetitivo, num outro tipo de tempo. Tempo que vai na contracorrente tanto dos programas infantis quanto da linguagem videoclípica usual na televisão contemporânea. Imagens descobrindo natureza e cultura, unindo tecnologia e afeto. Uma micropolítica.

“Quem não for como criança não pode entrar no Reino”, já dizia o Cristo. Captar o mundo, emitir o mundo, partilhar as imagens do mundo – que são perceptos/sensações, afetos/emoções, conceitos/reflexões. Tomar essas imagens como eucaristia dessacralizada que nos religa ao todo e nos educa: "(...)nós procriamos crianças, de corpo e espírito imprevisíveis, para um mundo imprevisível. Só nos resta portanto a educação, para uma providência moderada do futuro"(Serres,Luzes 241)

Muniz Sodré, em seu livro *Antropológica do Espelho*, sugere que para educar é preciso ir além do *ethos*, da socialização, da etiqueta, da ‘repetição contingente de um costume’, e chegar à aceitação dos impulsos de liberdade humana. “*Hexis* é a possibilidade de instalação da diferença na imposição estaticamente identitária do *ethos*”, afirma. E discute as mudanças sócio-culturais contemporâneas, mostrando a necessária redefinição de escola, aquela capaz de abarcar a revolução midiático-informacional – utilizando todo o

aparato hipermídia - e comportar outros atores sociais para a tarefa da educação. E da configuração de uma ética.

Sodré afirma o potencial das neotecnologias - amparadas por uma pedagogia da autonomia - para uma aprendizagem ativa de conhecimento, unindo o jogo ao aprendizado, propiciando singularização humana. Cita, inclusive, as três transmutações do Zaratustra de Nietzsche, para exemplificar as passagens da aceitação do ethos, para o desejo do novo e a criação do novo: Camelo, Leão, Criança. Serres também propõe, de modo análogo, como o trabalho mostra, a necessidade de caminharmos para uma sociedade pedagógica. E aí estamos de volta aos *Teletubbies*.

Teletubbies nos mostra sua morada fazendo parte da paisagem, como que brotando dela. Mostra-nos o cotidiano, as pequenas coisas, em relação harmônica com os animais, as flores e árvores. Como em Michel Serres, um contrato natural de cuidado entre homem e natureza. Este pensar pequeno, paradoxalmente, estaria tomando como base da política não a *polis local*, mas o *oikos global*, a casa (num sentido amplificado, já que a casa é o planeta). E certas palavras encenam esse movimento:

- *Oiko umene* (ecumenismo) – a humanidade toda, com suas diferenças e singularidades, partilha a mesma casa;
- *Oiko logos* (ecologia) – a fala/ação para a casa que é a terra (pelas três ecologias: social, ambiental, cultural);
- *Oiko nomos* (economia) – novas regras para a casa e seus bens, uma nova ‘disposição do rebanho’ no espaço, lembrando que apascentar é cuidar.

A comunicação, no fundo, precisa produzir esta paixão alegre, esta possibilitação de criar subjetividade – novos afetos, sensações, percepções, pensamentos. Essa comunicação para uma nova humanidade ou pós-humanidade que se forma, graças à biotecnologia e às novas tecnologias da comunicação. Comunicação que seja comunhão da multidão, novo conceito, novo sujeito num novo milênio. Porque afinal de contas, como já nos disse Serres, a verdadeira comunicação é o amor.

REFERÊNCIAS

1. BAUDRILLARD, Jean. A Transparência do Mal Campinas/SP Papyrus Editora
1993

2. CALVINO, Ítalo. Seis Propostas para o Próximo Milênio S.Paulo Cia das Letras
1990
3. CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas S. Paulo Edusp 4ª edição 2003
4. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix Mil Platôs v.1 Rio de Janeiro Editora 34
1995
5. _____ Mil Platôs v.2 idem
6. _____ Mil platôs v.3 idem 1996
7. _____ O que é a filosofia? Idem 1993
8. DOWNING, John D. H. Mídia Radical S. Paulo Senac Editora 2002
9. ELHAJJI, Mohammed. Da Semiose Hegemônica Ocidental
10. ELIOT, T. S. Poesia Rio de Janeiro Nova Fronteira 1981
11. ELKAÏM, Mony. Se Você me Ama não me Ame Campinas/SP Papyrus Editora
2ª edição 2000
12. GULLAR, Ferreira. Toda Poesia Rio de Janeiro JO Editora 1980
13. KLEIN, Naomi. Sem Logo Rio de Janeiro Editora Nova Fronteira 2001
14. LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos Rio de Janeiro Editora 34 1994
15. LEWIS, C. S. Os Quatro Amores São Paulo Editora Mundo Cristão 1983
16. LISPECTOR, Clarice. A Paixão Segundo GH Editora Nova Fronteira 2000
17. HARDT, Michael e NEGRI, Toni Império Editora Record 2001
18. KERKHOVE, Derrick de. A pele da cultura. Lisboa Relógio D'água 1997
19. NEGRI, Toni. Exílio S. Paulo Editora Iluminuras 2001
20. PACHECO, Anelise COCCO, Giuseppe VAZ, Paulo. O Trabalho da Multidão
Museu da República/Gryphus Editora 2002
21. ROLNIK, Sueli. Cartografia Sentimental S. Paulo Editora Estação Liberdade 1989

22. SERRES, Michel. A Lenda dos Anjos S. Paulo Aleph Editora 1995
23. _____ Filosofia Mestiça Rio de Janeiro Editora Civilização Brasileira
1993
24. _____ Hermes Rio de Janeiro Graal 1990
25. _____ Hermes I La Communication France Ed. De Minuit 1969
26. _____ Hermes II L'Interférence France Ed. De Minuit 1972
27. _____ Hermes III La Traduction France Ed. De Minuit 1974
28. _____ Hermes IV La Distribution France Ed. De Minuit 1977
29. _____ Hermes V Lê Passage du Nord-Ouest France Ed. De Minuit 1980
30. _____ Hominescências Rio de Janeiro Bertrand Brasil Editora 2003
31. _____ Le Parasite France Ed. Hachette 1997
32. _____ Luzes São Paulo Editora Unimarco 1999
33. _____ Os Cinco Sentidos Rio de Janeiro Bertrand Brasil Editora 2002
34. SILVEIRA, Sérgio Amadeu da Silveira(org). Software Livre e Inclusão Digital São
Paulo Conrad Editora 2003
35. SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho Petrópolis/RJ Editora Vozes 2002

INTERNET

1. ANTOUN, Henrique.

2. ASSAD, Maria Language, non-linearity and the problem of evil

Recuperado na url <http://muse.jhu.edu/journals/configurations/toc/con8.2.html>

em 30/04/2004

3. BENNAMAR, Karin Self Restraint in the Desire of Knowledge
Recuperado na url <http://ccs.cla.kobe-u.ac.jp/kihan/karin/serres.html> em 09/10/2003

4. BEY, Hakim Batalha Espiritual
Recuperado na url http://riseup.net/anarquista/batalha_espiritual.htm
em 11/05/2004

5. BROWN, Steven D. Parasite Logic
Recuperado na url <http://www.devpsy.lboro.ac.uk/psygroup/sb/parasite.htm>
em 03/dez/2003

6. CASTELLS, Manoel Internet, liberdade e sociedade – uma perspectiva analítica
Recuperado na url http://www.uoc.edu/web/esp/launiversidad/_inaugural01/intro_conc.html em 07/07/2004

7. COSTA, Rogério da Democracias cognitivas
Recuperado na url <http://www.ddic.com.br/>
em 30/04/2004

8. DILLON, Michael From Strategy to Poetics
Recuperado da url <http://www.keele.ac.uk/depts/stt/cstt2/comp/dillon.htm>
em 15/04/2004

9. HERNANDEZ, Antonio Arellano La Filosofia de Michel Serres: Una Moral de Base Objetiva recuperado na url <http://148.215.4.208/rev23/pdf/arellano.PDF>
em 22/09/2004

10. MA, Ming-Qian. *"The Past Is No Longer Out-of-Date": Topological Time and Its Foldable Nearness in Michel Serres's Philosophy*
Recuperado na url <http://muse.jhu.edu/journals/configurations/toc/con8.2.html> em 30/04/2004

11. NEGRI, Toni Towards an Ontological Definition of Multitude
recuperado na url <http://multitudes.samizdat.net/> em 20/04/2004

12. PELBART, Peter Pal Neuromagma e multidão
Recuperado na url <http://www.midiatatica.org/mtb/index.htm>
em 09/04/2004

13. POLIZZI, Gaspare Hermetism, Messages and Angels
Recuperado na url <http://muse.jhu.edu/journals/configurations/toc/con8.2.html>
em 30/04/2004

14. ROSAS, Ricardo e WELLS, Tatiana Que venha a mídia tática
Recuperado na url www.midiatatica.org/mtb/in_manifesto.htm
em 16/04/2004
15. SERRES, Michel. Novas Tecnologias e sociedade pedagógica
Recuperado na url www.interface.org.br/revista6/entrevista1.pdf
em 30/02/2004
16. VIRNO, Paolo. Multidão e Princípio de Individuação
recuperado na url <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/1479,1.shl>
em 11/03/2004
17. WEISSHEIMER, Marco Aurélio. Projeto wu ming Em busca de uma nova
linguagem para a ação política
recuperado na url <http://www.agenciartamaior.com.br>
em 04/02/2004
18. ZEMBYLAS, Michalinos Of Troubadours, Angels, and Parasites: Reevaluating
the Educational Territory in the Arts and Sciences Through the Work of Michel
Serres Michigan State University
International Journal of Education and the Arts Vol 3 no 3 march 2002
Recuperado na url <http://ijea.asu.edu/v3n3/> em 22 /01/2004